

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CORA CORALINA
CURSO DE HISTÓRIA

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES DE DAMIANA DA
CUNHA EM MOSSÂMEDES**

KARLA FERREIRA ADORNO

GOIÁS – GO
2017

KARLA FERREIRA ADORNO

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES DE DAMIANA DA
CUNHA EM MOSSÂMEDES.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
exame de Qualificação do curso de História da
Universidade Estadual de Goiás- Campus Cora
Coralina, com requisito a obtenção do título de
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Dr. Eduardo Gusmão de Quadros.

GOIÁS – GO

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOÍAS
CAMPUS CORA CORALINA
CURSO DE HISTÓRIA

KARLA FERREIRA ADORNO

**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES DE DAMIANA DA
CUNHA EM MOSSÂMEDES.**

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade estadual de Goiás – Campus Cora Coralina para obtenção de título de Licenciatura Plena em História, aprovada em ____ de dezembro de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes docentes:

PROF^o. DR. EDUARDO GUSMÃO DE QUADROS (UEG)
Presidente da Banca
(orientador)

PROF^a. MS. DEROTINA HELECIR DE BRITO ALVARENGA (UEG)
Membro

PROF^o. MS. LUIZ ANTÔNIO LOPES GOMES (UEG)
Membro

Aos muitos professores, funcionários e colegas que fizeram com que fossem extremamente prazerosos esses quatro anos em que estive frequentando a UEG.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter conseguido superar todos os obstáculos enfrentado no percurso, por essa oportunidade que ele me deu de chegar até aqui, somente a ele toda graça e louvor, a todos aqueles que de alguma forma, influenciaram minha formação (intelectual e de caráter). Ao meu professor orientador Eduardo Quadros pela paciência e disponibilidade de me tirar todas as dúvidas, e todos que fez parte da minha banca de monografia a professora Derotina Brito e Luiz Antônio Gomes. Agradeço aos meus pais Carlos e Cecilia pelas palavras de incentivo, a Jeffersom pelo apoio.

Agradeço os atos importantes na longa caminhada para chegar até este momento de conclusão de curso e da monografia, neste percurso muitas pessoas fizeram presente diariamente, e outras transmitia pensamentos e palavras positivas jamais esquecerei dessas pessoas que não mediram esforços a seu tempo para me apoiar e acompanhar.

“Ensinar História é caminhar numa linha de tempo, com duração e cortes diversos. Ensinar História é estruturar identidades. Ensinar História é também produzir conhecimento.”

(Sônia Nikitiuk)

RESUMO

A pesquisa tem como proposta analisar a vida de Damiana da Cunha em um período de tempo vivido por ela, são muitas as obras que foram feitas a sua pessoa, porém poucos moradores de Mossâmedes lembram e tem curiosidade de saber o que foi e fez essa mulher de muitas finalidades, missionária, mestra, cabeça de expedições, exerceu seu papel de cristandade sobre seu povo caiapó, Damiana da Cunha sendo uma índia foi muito admirada por muitas pessoas importantes da época, de grande contribuição para o desenvolvimento da aldeia São José de Mossâmedes, a pesquisa histórica busca entender as aldeias Jesuíticas, regimento pombalino, vivido no mesmo período, e a vida de Damiana da Cunha, seu trabalho de liderança feminina feito em uma política indigenista do século XIX, também se estendeu em conhecer a memória da personagem hoje na cidade de Mossâmedes, buscando obter informações enriquecedoras para a finalidade do projeto foi feita uma pesquisa de campo, juntando as informações que o povo mossâmedino tem sobre Damiana da Cunha, com intuito ver o que as pessoas conhecem e os lugares de memória que foram feitos a sua pessoa, aqueles que conhecem de alguma forma reconhece sua importância, isso faz com que o tempo não apague sua memória.

Palavras Chaves: Memória, História, Damiana da Cunha.

ABSTRACT

Research has proposed to analyze the Damiana da Cunha living in a period of time lived by it, there are many works that were made to his person, but few residents Mossâmedes remember and are curious to know what went and did this woman for many purposes, missionary, teacher, head of expeditions, exercised his role of christianity on his Kayapo people, Damiana da Cunha being an Indian was much admired by many important people of the time, a great contribution to the development of the village São José de Mossâmedes , historical research seeks to understand the Jesuit villages, pombalino regiment, lived in the same period, and the life of Damiana da Cunha, his female lead work done in an Indian policy of the nineteenth century also extended to meet the memory of the character today in the city of Mossâmedes, searching for information that was enriching for the purpose of the project, a field survey was carried out, the information the mossâmedino people have about Damiana da Cunha, in order to see what people know and places of remembrance that have been made to his person, those who know somehow recognizes its importance, it makes the time did not erase your memory.

Keywords: Memory, History, Damiana da Cunha.

LISTA DE IMAGENS

FOTOGRAFIA 01: Perspectiva da Aldeia São José de Mossâmedes.....	23
FOTOGRAFIA 02: Escola Municipal Damiana da Cunha.....	39
FOTOGRAFIA 03: Foto de Damiana da Cunha na Prefeitura Municipal de Mossâmedes.....	40
FOTOGRAFIA 04: Igreja Matriz São José de Mossâmedes.....	41
FOTOGRAFIA 05: Placa de construção e inauguração da Praça Damiana da Cunha.....	42
FOTOGRAFIA 06: Painel do artista plástico Omar Souto – Praça Damiana da Cunha.....	43

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Número de pessoas que sabe o significado do monumento no meio da praça.....	46
GRÁFICO 02: O sentido do espaço (Praça) para os moradores.....	46
GRÁFICO 03: Número de pessoas que conhece o surgimento da cidade de Mossâmedes.....	47
GRÁFICO 04: Conhecimento das pessoas sobre Damiana da Cunha.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
1 HISTÓRIA DE MOSSÂMEDES	13
1.1 Goiás: Processo de Colonização.....	14
1.2 As Aldeias.....	17
1.3 Regimento Pombalino.....	18
1.4 A Aldeia de Mossâmedes.....	21
CAPÍTULO II	
2 DAMIANA DA CUNHA	25
2.1 Um Pouco Sobre Damiana da Cunha.....	25
2.2 Os Caiapós.....	27
2.3 A Política Indigenista do Século XIX.....	30
2.4 A Liderança Feminina de Damiana da Cunha.....	32
CAPÍTULO III	
3 A MEMÓRIA DE DAMIANA DA CUNHA	35
3.1 Lugares de Memória.....	36
3.2 Lugares que Guarda a Memória de Damiana da Cunha.....	38
3.3 A Memória Pública de Damiana da Cunha.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
FONTES	51
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	54

INTRODUÇÃO

A proposta dessa pesquisa é analisar a trajetória de vida de Damiana da Cunha nos moldes do aldeamento São José de Mossâmedes, localizado perto de Vila Boa de Goiás, Damiana da Cunha promovera a união entre índios e brancos, dedicou a sua vida a catequização e expedições pelos matos no qual tinha como principal objetivo trazer os Caiapós a cristandade. Apresentamos Damiana da Cunha e suas representações, analisando sua história, que para muitos é considerada um mito, porém a sempre continuidades e novos caminhos a serem analisados, analisaremos o que ela trouxe e o que ainda é cultivado através dela as novas gerações que sucederam.

Muitos mossâmedinos conhecem a história e a peregrinação dos povos indígenas ao lutar contra a submissão da cultura europeia, mais não sabe ao certo as formas e regimes impostos por eles, sendo essas formas e regimes que passa despercebido aos olhos da população, trás consigo pouca informação sobre a vida de Damiana da Cunha, seu papel é admirado por muitos, mas pouco reconhecido pela população, porém á necessidade de conhecer, interpretar Mossâmedes num contexto presente, que esta refletida no passado, é uma forma de levantar incógnitas que mostre através dos tempos preciosidades para os futuros historiadores.

Para compreender sua trajetória é preciso identificar onde estão inseridos, tempo lugar e sua relação com a sociedade colonial entre outros que seria os primeiros passos importantes para a abordagem, assim entenderemos qual foi o seu papel na história de Goiás como principalmente de Mossâmedes. Ao levantar discussões sobre Damiana da Cunha na história chegaremos aos lugares de memória, cujos resultados têm intactos não somente nos livros históricos como na sociedade em geral, gerando discussões que contribuem para o enriquecimento do saber, para que veja as outras faces, não vendo os índios somente como trabalhadores braçais dado como exterminados ou desaparecidos, passando a analisar e questionar a sua essência, cuja cultura é produto histórico e dinâmico.

Analisamos Damiana da Cunha e suas representações, sendo mito ou história há sempre novas possibilidades de continuação, desenvolveu um importante trabalho na política do período XVIII e XIX. Analisaremos a partir do estudo as seguintes problematizações: Como Damiana da Cunha sendo uma índia se destacou na história vivendo em uma sociedade patriarcal onde nem as mulheres brancas conseguiam se

destacar? Hoje é lembrada com frequência pelo povo mossâmedino ou um mero mito que ficou esquecido e perdeu suas forças com o tempo? A é necessidade de conhecer, fazer lembrar como um lugar de memória onde o presente não apaga suas raízes?

O fundamento primordial da pesquisa é mostrar não somente Damiana da Cunha, e sim apontar seus lugares de memória, com o objetivo resgatar seu papel pacificador e identificar o que ainda é reconhecido na cidade de Mossâmedes, saber como a população enxerga a sua figura e como é vista hoje. Com tudo analisaremos a partir da obra de Pierre Nora, *Entre memória e história: As problemáticas dos lugares*. O texto dá um novo conceito de memória histórica, tendo lugares ainda preservados pela memória que analisa a importância do tempo, que muitas vezes passam despercebidos aos nossos olhos, e não se dá a atenção merecida aos fatos, não sabendo que esses fatos são ricos em informações, é levado ao esquecimento e a mudanças, a análise se dá por meio de estudo, não da pra omitir ou apagar o passado, para ter bons resultados deve explorar todos os conceitos e finalidades.

Analisaremos também outros autores que complementam e alicerça ainda mais as informações contidas ao longo dos capítulos, como Mary Karasch que aborda diferentes faces dos indígenas de Goiás como também de São José de Mossâmedes, que também cita Damiana da Cunha em suas obras, que para muitos é desconhecida, expomos aqui o que ela foi, o que fez e como fez, apontando sofrimentos emoções e conquista vivido por ela e a nação Caiapó em determinada época. A metodologia primordial é analisar e pesquisar os lugares de memória que tem relação com Damiana da Cunha, entendendo assim como é cultivado suas lembranças.

Em meio ao percurso trabalhado são muitas as dificuldades enfrentadas, não há documentos de próprio cunho deixado pela própria pessoa de Damiana da Cunha, e são poucos os documentos da época, porém são muitas as pesquisas e trabalhos feitos por leitores e pesquisadores destinados a memória de Damiana da Cunha, incentivando pessoas a lerem e procurar saber mais sobre o conteúdo proposto, que possam ver a personagem não somente como uma figura política da época, mais que possam ver como mulher que lutou e batalhou pelo seu povo de origem, que ganhou não só o apreço deles como também de pessoas importantes de seu tempo. Hoje assim como a personagem necessita-se de pessoas que tenha zelo e apreço por vidas humanas, sua vida e conduta servem como reflexão e exemplo para motivação de

outras pessoas a não desistir de lutar por uma vida mais justa e igualitária em sociedade.

A história tem a necessidade de adquirir a razão como centro de pesquisa, mas sabemos também que todo estudo passado é dotado de transformações e pontos de vista diferentes, ainda há lugares de memória que vai além de uma sociedade tradicional e passa a questionar devidas hipóteses, se transformando em querer descobrir, fazendo uma preocupação historiográfica, a dúvida na cabeça do leitor faz com que despertem a curiosidade para chegar ao foco principal o conhecimento, por isso a história é algo sempre inacabado, a novas fontes a serem exploradas, muitos já começaram, no entanto muito longe de um fim.

O trabalho a seguir está dividido em três capítulos, o primeiro capítulo é abordado à história de Mossâmedes desde a colonização as Aldeias Jesuíticas, dando sequência o Regimento Pombalino, que tem como finalidade mostrar como era a história dos povos indígenas e formas, meios imposto pelos europeus na Aldeia São José de Mossâmedes, o segundo capítulo é destinado a história de Damiana da Cunha e os índios Caiapó, como Damiana da Cunha participou da política indigenista que foi marcada por lutas e muito derramamento de sangue, abordaremos ainda a liderança feminista de Damiana da Cunha sua representação, por fim o terceiro capítulo analisa os lugares de memória, com base no autor Pierre Nora que são os lugares que a tem como nome, praça, rua, escola e datas comemorativas que é lembrada, analisando o que representa hoje, por fim foi feita uma pesquisa de campo com intuito analisar como é vista a história de Mossâmedes e vida de Damiana da Cunha pelo povo mossâmedino hoje, se é um mito ou alguém que fez sua história em um determinado período que se perpetuou até os dias de hoje através de sua memória.

CAPÍTULO I – HISTÓRIA DE MOSSÂMEDES

Neste capítulo, será tratada a história da cidade de Mossâmedes, a qual faremos uma pequena periodização, ou seja, será dividido em alguns tópicos. O primeiro trata de como se deu a colonização da *Capitania de Goiás*; o segundo tem o intuito de desvendar como se deu o relacionamento entre índios e a criação das aldeias, com destaque para *a atuação dos jesuítas*. No terceiro, trataremos do Regimento Pombalino e como surgiu o aldeamento de Mossâmedes. Essas partes

formam um todo, com o objetivo de compreender criticamente *o contexto histórico do local* onde atuou nossa personagem, objeto de investigação deste trabalho.

A história contribui com a memória, apesar de distinguir-se desta:

Tudo que é chamado hoje de memória, não é, portanto, memória, mas já história. Tudo que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história. (Nora, 1993, p.14)

Na certeza de que memória se transforma em história, ou vice-versa, então resta-nos apresentá-las para que a história se mantenha viva na mente e na vida das pessoas, que participaram deste momento de construção. Em nosso caso, trata-se da colonização de Goiás, mais especificamente dos aspectos históricos de Mossâmedes. Cidade que foi cenário importante para governadores, aldeamentos indígenas e moradia da principal personagem de nossa pesquisa, Damiana da Cunha. É com esta perspectiva, que reunimos literaturas de especialistas que nos ajudaram a fundamentar o arcabouço teórico.

1.1 GOIÁS: PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

A cidade que hoje é conhecida com o nome de Goiás, já foi um cenário habitado apenas por indígenas. Este cenário começou a ser povoado por portugueses no final do século XVII que adentraram no Brasil em busca de riquezas, primeiro navegando rio à fora, viagens que poderiam durar muito tempo, pois estavam à procura de riquezas e nativos que não sabiam, o local certo onde encontrá-los, sabiam apenas que estes estavam em terras brasileiras. Tempos depois, bandeirantes passaram a fazer estas viagens de mulas e burros.

As primeiras viagens feitas por terra, já demonstravam tal coragem e bravura destes bandeirantes, descalços e armados de foices, abriam caminhos por onde passavam. As primeiras bandeiras que chegaram em terras brasileiras no século XVI, eram vindas de São Paulo e São Vicente, estas bandeiras eram financiadas pelas classes mais favorecidas economicamente, como donos de minas senhores de engenhos dentre outros. Estes bandeirantes capturavam índios e vendiam para serem escravizados, também exterminaram quilombos e posteriormente encontraram ouro nos sertões de Minas Goiás e Mato Grosso.

A bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o “Anhanguera” (na língua indígena aña gwea, “diabo velho” MORAES,2012,p.16) percorreu terras goianas, acompanhado de seu filho. Após a morte do pai, este herdou o apelido, e quatro décadas depois, retomou as buscas por riquezas na região, hoje é a cidade de Goiás. Obteve sucesso e se instalou às margens do Rio Vermelho, criando o primeiro Arraial chamado “Nossa Senhora de Sant’Ana”.

A presença do ouro fez com que surgissem povoados nas regiões de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. O povoamento de Goiás é o que nos interessa neste subtítulo, então o retomemos para que sejamos fiéis com nosso objetivo. O povoado em torno do rio Vermelho começou a aumentar devido a notícia de que haviam encontrado ouro na região, foram surgindo gente de vários lugares e vários arraiais foram sendo construídos. A busca do ouro deu início ao povoamento e o local passou a ser chamado de Vila Boa, em meados do século XVIII, e virou cidade de Goiás no século XIX. As primeiras bandeiras por ali passaram, mas não ficaram por muito tempo, as próximas permaneceram por mais tempo no território com suas atividades de exploração aurífera. De acordo com Moraes:

As bandeiras eram expedições organizadas pela coroa e financiadas por particulares. Possuíam caráter comercial e militar e percorria o vasto sertão à cata de índios(...) O documento oficial de formação de uma bandeira era chamado “Regimento”(…). As entradas, por sua vez, eram expedições oficiais, ou seja, custeadas pela Coroa e destinadas à exploração, fazendo o reconhecimento geográfico do interior do território(...) Já as descidas eram expedições fluviais, oriundas de Belém na capitânia do Grão Pará, as quais subindo os rios Tocantins e Araguaia, chegavam ao território goiano em busca de índios para as missões ou reduções jesuíticas da Amazônia. As Manções, de caráter comercial, deram-se basicamente a partir da existência de núcleos habitacionais, Elas atendiam suas populações com gêneros comerciais como: sal, açúcar pólvora, escravos, muares e outros. O ouro era a moeda usada, basicamente. (MORAIS, 2012, p. 12-13).

Percebemos que as bandeiras tinha o objetivo de capturar os índios, para que eles ofereçam Mão de obra para os grandes senhores proprietários de terras e o comercio, percorria ao longo do território goiano com intuito de encontrar esses habitantes indígenas, muitas foram as tentativas para entrar no estado, porém os indígenas lutava defendendo seu território todas as vezes que se sentia ameaçado, a chegada dos estrangeiros resultou em guerra, em meio a ela foram muitos os índios que perderam suas vidas, os europeus em suas muitas tentativas de capturar os nativos, eles não desistia, mais tarde pouco a pouco foram dominados os nativos

juntamente com seu território, sendo as terras a maior riqueza possuída pelos índios, isso fará com que todo seu habitat natural sofresse profundas transformações. Os europeus queriam de todo modo extrair o máximo possível de tudo aquilo que os índios forneciam, com o controle em mãos foram impostas condições e costumes desconsiderando a cultura vivida por eles, todo andamento das bandeiras eram custeados pela coroa, envolvendo comerciantes e pessoas importantes da época, disponibilizava homens para participar das expedições, o ouro era uma preciosidade da época, servia de moeda bastante procurada, isso era mais um motivo da procura pela Mão de obra indígena para explorar a busca de todas as riquezas que eles pudessem fornecer.

Antes da chegada dos europeus às terras brasileiras, mais especificamente terras goianas, a relação entre indígenas era baseada em regras e costumes que determinavam como aconteceria os ritos religiosos e como seria a distribuição de tarefas e por quem estas, seriam desempenhadas. A violação desta estrutura familiar trouxe um descontentamento àquelas pessoas que ali viviam de forma tranquila e bem natural, morando e retirando da terra, somente o necessário para a sobrevivência. Cenário que foi brutalmente transformado por bandeirantes que:

Eram bárbaros sanguinários. Matavam velhos e crianças e escravizavam por dinheiro. Contudo, sem os bandeirantes, o País terminaria em São Paulo. Foi através da brutalidade que eles conquistaram o Brasil. Caçadores profissionais de gente, chegaram a lugares que Pedro Álvares Cabral jamais sonharia. Nas andanças em busca de ouro e índios para apresar, descobriram o Mato Grosso, Goiás e Tocantins. (Morais, 2012, p.18).

Lugar onde parecia tranquilo e seguro, foi de forma violenta, transformado pela ambição e brutalidade dos bandeirantes, isto fez com que acontecessem muitas mortes vindas de conflitos e das transmissões de doenças que foram trazidas pelos estrangeiros, doenças das quais, os indígenas não estavam imunizados.

A maioria destas expedições não se fixou, porém abriram caminhos para que iniciasse povoados em várias localidades do Estado de Goiás. Querendo explorar e mudar este lugar desconsiderando o daqueles, que ali habitavam. Este momento histórico, não representa somente um período de colonização, foi também de mudanças radicais que acabaram por implantar uma nova estrutura familiar e econômica totalmente diferente da que existia, junto a estas estruturas, veio também uma transformação de ideais que era o oposto dos, daqueles que habitavam o local.

Sendo assim, é notório que a entrada dos estrangeiros, a imposição do cristianismo e a escravidão em terras brasileiras fomentaram o início de mudanças no âmbito social, econômico e ideológico. Estas mudanças sustentaram conflitos que perduram até os dias de hoje. Não se pode ao certo, dizer o quanto foi negativo ou positivo, mas pode se dizer que mudanças e transformações fazem parte de um dinamismo que surge a partir de necessidades e ambições.

Perante lutas, buscas e conquistas os bandeirantes contribuíram com o crescimento da população nos estados mencionados acima e conseqüentemente em todo o território brasileiro.

1.2 AS ALDEIAS

A necessidade de evangelizar e socializar os índios deu início a construções de aldeias que serviram de lugar para realização de tais objetivos, assim afirma Palacin:

A fixação das aldeias era, pois, uma necessidade para a evangelização, mas também uma necessidade para a civilização dos índios convertendo-os de caçadores nômades em agricultores e sedentários. (PALACIN, 1981, p.136).

Os primeiros jesuítas que chegaram à Goiás com a obrigação de catequizar os índios deram início aos trabalhos e missões que eram o de fundar aldeias, ensinar religião, língua, gramática para os povos que ali viviam principalmente torná-los cristãos. Os jesuítas tinham objetivos diferentes das bandeiras e outros que por aquele lugar passaram. O que eles tinham em comum era a coragem de desbravar terras, rios à procura de seus objetivos, sendo que os padres Jesuítas visavam socializar e catequizar índios e colonos.

Por meados do século XVIII, as Companhias jesuíticas sofreram interferência do então Marquês de Pombal, primeiro ministro de Portugal, que retirou de seus poderes o controle da educação, inseriu militares nas aldeias e anos depois os jesuítas tiveram que deixar a região. Muitos voltaram para a terra natal, outros se refugiaram em outras regiões.

Poucas pessoas se preocupavam com os indígenas e com as condições a qual eram submetidos. Por um lado, receberam os ensinamentos religiosos, por outro sofreram com a imposição de trabalho que resultou numa escravidão que causou a extinção de muitos povos. Isso deu início a guerras e o domínio dos europeus sobre

os índios e também do território habitado por eles. Palacin questiona os princípios da guerra justa:

Como pode considerar-se guerra justa a dos portugueses contra os índios, que não fazem outra coisa que defender o que é seu contra invasores estrangeiros? (1) uma única voz perdida sem eco, num deserto de indiferença. (PALACIN,1981 p.111).

A colonização deste local se perpetuou em nome da evangelização e escravidão dos índios por parte dos europeus e jesuítas. Este relacionamento resultou em uma situação de dominador e dominado, de quem escraviza e de quem é escravizado, de quem catequiza e de quem é catequizado.

O padre que não concordava com tal violência e injustiça que sofria os índios tentou fazer intervenção a favor deles, porém foi em vão, pois não tinha aliados nem adversários com o propósito de discutir a proposta por ele apresentada, estava sozinho clamando justiça por aqueles que ali moravam e somente queriam defender o espaço conquistado por eles, atitude que resultou no retorno forçado do padre para sua pátria. Com tão pouca gente para defender os índios, a chamada “guerra justa” continuou. É notável que justo nada tivesse, os portugueses lutava incansavelmente em busca de poder domínio dos indígenas, para esse acontecimento foram realizadas varias táticas brutais contra os nativos, era considerado esses povos como seres selvagens que precisava ser amansados a todo custo, sem se importa com as conquistas de suas identidade cultural, havia por outro lado os padres e pessoas que não concordava com essa guerra justa imposta pelos portugueses, viam tamanha era a maldade que se levantava aos índios, mais não tinha nada a ser feito, infelizmente a guerra justa já estava declarada.

1.3 REGIMENTO POMBALINO

O Regimento Pombalino trouxe a imposição da Língua Portuguesa para os nativos da região com o intuito de agregar a comunidade indígena aos colonizadores portugueses. Ele queria fazer com que “colonizados” e “colonizadores” se tornassem uma única sociedade. Assim vários benefícios seriam atribuídos aos portugueses, bem como riquezas e o total domínio do território. Os índios resistiram, porém tiveram que, mesmo contra vontade, ir se adaptando às novas regras ditas pelos colonizadores.

Este Regimento priorizava principalmente extinguir a escravidão dos povos indígenas e integrá-los aos costumes europeus, eliminando diferenças que poderiam distingui-los como dois povos, mas esta atitude, de certa forma, deixava subentendido que deveria prevalecer somente povos europeus. Mais uma vez, os indígenas foram violados de todos os direitos, inclusive o direito a identidade.

O *Directório dos Indígenas* incluía também o afastamento dos jesuítas das funções que desempenhavam nas aldeias, com o intuito de transformar a comunidade indígena em súditos da coroa. Com os mesmos direitos que os “brancos” os “índios” passavam também de ter deveres a serem cumpridos, inclusive o pagamento de impostos que seria recolhido e enviado para a coroa. Impostos chamados de “quinto” e que também estava incluso no regimento.

Os europeus se consideravam pessoas “amigas”, e os indígenas seriam “selvagens”. Sendo assim, na visão dos “brancos”, os indígenas com a colonização, passariam ser pessoas “amigas” e “civilizadas” como os europeus. Porém, essa colonização na verdade ocorreu de forma violenta. Honório pontua que:

“Ao analisarmos os primeiros discursos de construção de nossa história, observamos numa primeira olhada que as narrações sobre a colonização no Brasil explicitam o confronto do europeu com povos e línguas diferenciadas de seu universo.” (HONÓRIO, 2002, p.62)

Essa idealização de língua perdura até os dias atuais e, com essa permanência, excluímos de imediato a nossa cultura e identidade linguística que adquirimos ao longo do tempo. Essa norma foi implantada em Goiás, como veremos a seguir.

A partir do processo violento de colonização imposto pelos brancos, surgiu a necessidade de homogeneização da língua, ou seja, impedir a variedade linguística para todos que agora ali habitavam. Segundo Orlandi “[...] a ciência (a antropologia, a lingüística), a política social (indigenismo) e a religião (a catequese) se articulavam para apagar a presença do índio na constituição da identidade cultura (política) brasileira” (ORLANDI, 1990, p. 73). Impor uma língua europeia para quem aqui já vivia com os seus costumes, identidade, cultura e língua. Após essa imposição, a maioria dos brasileiros passou a falar e pensar em Português, sem respeitar a língua e a cultura de seus povos.

Houve muita resistência, em relação ao aprendizado da Língua Portuguesa, pois é sabido que a língua materna já é difícil de compreender, imagine uma segunda língua jamais ouvida pelos indígenas. Dias afirma a seguir que:

Essa resistência adaptativa pode ser percebida nos aldeamentos indígenas; instituições estes centros para pensar a relação de subordinação entre colonizador e indígena, pois eram os locais próprios pra a execução das propostas de redução e assimilação do nativo. Ao mesmo tempo, eram espaços de resistência, negociação, de efetivar interesses, de aprendizado, experiência e de poder. (DIAS, p.207, 2013)

Os povos indígenas resistiram o quanto pode, porém não foram fortes ao ponto de reverter a situação. As negociações entre os europeus e índios eram frequente, relacionado com troca, para que obtivesse o trabalho dos indígenas os estrangeiros iludiam os índios, dizendo oferecer comida moradia e uma vida de qualidade, essas negociações muitas vezes fracassavam pelo fato dos índios não terem total confiança, respondia com lutas e ataques, essas negociações e resistência penduraram por muito tempo. Até então obtiveram um resultado parcial, alguns nativos acabaram por ceder por tanta imposição. Sendo assim.

Os indígenas recebiam inicialmente uma formação informal para ocupar a função de *língua* nos aldeamentos, descimentos e bandeiras, inicialmente realizada por sertanistas e missionários (até1750). Após o Directório dos Índios (1755-1798), por administradores e padres; a partir da década de 1850, formalizou-se a instrução das línguas em colégios e aldeamentos. (DIAS, p.212, 2013).

De acordo com a citação acima a persistência da implantação da Língua Portuguesa persistiu e percorreu colégios e aldeamentos. Índios recebiam as primeiras instruções sobre a língua e já iam passando para toda comunidade.

Dois governos que foram de extrema importância no Regimento Pombalino, o de José Vasconcelos (1772-1778) e o de seu sucessor Luíz da Cunha (1778-1783) que tempos depois passou o governo a seu irmão Tristão da Cunha (1783-1800). Nestes dois primeiros governos aconteceram mudanças importantíssimas para que Goiás fosse incluído no Regimento Pombalino. José Vasconcelos fundou aldeamentos dentre eles o de São José de Mossâmedes.

O tino político com que Pombal sabia escolher os homens, a fecundidade do seu engenho, e talento com que de longe via e compreendia as necessidades das possessões ultramarinas, era admirável! A nomeação de José de

Vasconcelos foi obra de Marquês de Pombal; pertenceu ele a essa plêiade de hábeis administradores que tiveram por algum tempo as capitâneas durante o reinado de el-rei D. José I. (ALENCASTRE,1863,p.220).

Marquês de Pombal sabia escolher os homens que iam administrar a implantação do Regimento Pombalino em Goiás, tanto o primeiro, quanto o segundo eram homens de total confiança e bravura, capaz de projetar e conquistar objetivos tão almejados por Pombal. Assim afirma Melo:

Os governos de José Vasconcelos de Soveral e Luiz da Cunha de Menezes foram essenciais para definir o modo e a capacidade dessa presença. O imediatismo das propostas ensejadas no *Directório* e sua efetiva aplicação em terras goianas demonstrou a inclusão dessa região no período pombalino e sua reforma. (MELO, 2008, p.100).

O trabalho dos jesuítas se expandiu devido a responsabilidade de catequizar e educar. Trabalho que associava a eles autonomia, poder e autoridade, situação que passou a interferir nos propósitos do *Directório*. E então foi criada uma campanha contra os jesuítas para que fossem expulsos dos aldeamentos, deixando caminho livre para que o estado ficasse com a responsabilidade de catequizar e educar. E assim aconteceu:

A campanha contra os jesuítas com a extinção da Ordem, em 1773. A esse tempo, já se apresentava um quadro bastante completo do que foi a política de aldeamento em Goiás, constituída das seguintes fases: a primeira marcada pela catequese e fundação de aldeias; a segunda pela política secular de Pombal; e a terceira, caracterizada pela materialização da teoria secular, isto é, pela manutenção dos aldeamentos, mas sem a presença dos religiosos. (GOMES,1995, p.68).

Após a morte do Rei de Portugal D. José I. Em 1777. Dona Maria I assumiu o poder do trono português e renovou seus administradores, não quis mais como ministro o Marquês de Pombal. Não vendo importância em dar sequência ao Regimento Pombalino em Goiás, ele foi esquecido após o afastamento de Pombal.

1.4 A ALDEIA DE MOSSÂMEDES

A cidade hoje conhecida como Mossâmedes iniciou com um aldeamento para acolher os índios “Acroás”, “Naundós”, “Caiapós”, dentre outros que eram sujeitos a catequização. Isso implica em uma condição de vida bem diferente da que estavam acostumados, uma violação de direitos e dos valores culturais, que resultou em

resistências e fugas por parte de vários indígenas. Ou seja, os índios que não se adaptaram a esta mudança drástica no estilo de vida, se rebelaram em pequenos grupos e tentavam fugir. Muitos foram novamente capturados e trazidos para o aldeamento, obrigados a retomar trabalhos e catequese.

O aldeamento, que se localizava perto da serra Dourada e de Vila Boa, feito para acolher índios, também foi sede do primeiro governador da Capitania de Goiás, que ficou conhecido como Barão de Mossâmedes. Cenário com casarões que acolhia governador para momentos de descanso e lazer, local escolhido estrategicamente, pois não era cercado por montanhas assim como Goiás, e esse detalhe favorecia uma possível saída emergencial do governador daquele local. Desses casarões hoje só se tem quadros e relatos, o que deveria ser preservado pela importância e relevância que daria a história desta cidade, foi sendo destruído pouco a pouco pela ação do tempo e substituído por outras construções.

Daquela época, nos resta apenas a Igreja São José de Mossâmedes e muita história para contar de situações de opressão, escravidão dentre outras sofridas por índios que ali habitavam.

Eleva-se a aldeia sobre uma colina dominada pela serra Dourada, légua ao norte do ribeirão Fartura, braço direito dos rios pilões, que também o é do rio Claro. Em frente à igreja, de elegante frontispício, com suas duas torres ao sul de espaçosa praça, levanta-se a habitação dos governadores com seu pórtico das armas reais. Quatro torreões erguiam-se nos cantos da praça e os mais edifícios que a circulavam eram térreos de construção regular. Por detrás da habitação dos governadores via-se um jardim de alguma extensão, regado por um ribeiro, cujas águas foram em partes desviadas para o engenho de fiar. Numa dessas habitações térreas residia Damiana da Cunha, neta desse principal submetido de tão bom grado ao jugo da civilização que tantas comodidades que lhe apresentara (...) (Miranda *apud* Julio, p. 114, 2015).

Na citação acima, a autora descreve o início do Aldeamento de Mossâmedes de uma forma que deixa clara a beleza do local, além de cercado por rios dá vista para serra Dourada. Nas proximidades dos casarões havia um jardim, um ribeirão que o regava e provavelmente abastecia toda população. Esta riqueza em água é vista por alguns lugares da cidade até os dias de hoje. Quando é época de chuva, a população local encontra pequenas minas de água, em vários pontos da cidade.

FOTOGRAFIA 01: Perspectiva da Aldeia S. José de Mossâmedes.**Fonte:** Joaquim Cardoso Xavier, 1801.

A imagem retrata o início da aldeia São José de Mossâmedes, tudo bem planejado com o consentimento da coroa portuguesa, para abrigar pessoas importantes da época, e atrai a atenção dos indígenas, para a cristianização. É lamentável que a permanência dos casarões, que acolhiam os governadores, e que ficavam próximos à igreja, só existe na história, memória, quadros e no depoimento de pessoas que vem recontando a história de Mossâmedes, através da oralidade.

A princípio, o aldeamento não deu certo, os índios não se adaptaram aos costumes portugueses surge então o governador Luiz da Cunha Menezes que em contato com a tribo Kaiapó adota uma índia que por motivos políticos lhe dá seu sobrenome, valores e costumes portugueses. Assim que a índia chegou a fase adulta, começou com as tramitações que determinavam uma nova forma de vida para os indígenas. A índia chamada Damiana da Cunha, fazia além do serviço de catequizar, o de intermediar o relacionamento entre índios e estrangeiros. Este aldeamento, pouco a pouco foi sendo construído com a ajuda e determinação de Damiana da Cunha, tarefa difícil, mas não impossível para ela.

Apesar dos sucessos obtido pelo governador de D. José Vasconcelos, materializados, no aldeamento de Mossâmedes e na expedição de Fonseca,

não podemos ignorar a continuação de atos de violência contra os indígenas.(JULIO, 2015, p.42).

De acordo com o autor acima, os índios continuavam a sofrer atos de violência devido as falhas na administração e na falta de pessoas preparadas para lidar com a situação do Regimento Pombalino. Deixando então prosseguir as marcas da escravidão. Os índios realizavam todo trabalho naquele local, dos mais leves aos mais árduos, estes que eram totalmente diferentes dos que eles estavam acostumados fazer, mas se não os fizessem sofreriam represarias por parte dos “brancos”. Temos como exemplo deste trabalho escravo, a Igreja Matriz São José de Mossâmedes, única herança construída por mãos indígenas e deixada como memória viva para o povo mossâmedino. Suas paredes de taipa com aproximadamente um metro de largura e trás marcas de conflitos e imposições religiosas, o altar foi construído com madeira talhada à mão em estilo jesuítico. Detalhes que fez com que a mesma, recebesse o título de monumento histórico de Mossâmedes.

O aldeamento de Mossâmedes, foi um dos mais importantes e duradouros da época do Brasil colônia durou até o século XIX, passou por vários momentos difíceis em decorrência da falta de adaptações dos índios, eles não se habituavam ao novo modo de vida, aconteceram várias fugas e mortes e isso fez com que o aldeamento fosse enfraquecendo e se desfazendo até ser completamente abandonado pelos que habitavam o local. Lugar que foi sendo ocupado por pessoas que viviam nas proximidades da região e dessa forma surge um novo povoamento, reconstituído por José de Almeida Vasconcellos Soveral.

Da mistura de povos portugueses, indígenas e negros surge uma nova população. Estruturados na herança de cor, coragem, bravura e determinação, edifica-se o arraial de Mossâmedes e que hoje é conhecida simplesmente como Mossâmedes. Cidade que teve uma historia marcada por vários conflitos, disputas e conquistas, que dá destaque a coragem e bravura de uma mulher que deixou um legado muito importante para toda população local. Ela é considerada heroína pela força e coragem demonstrada por ela nos trabalhos realizados durante o levantamento da aldeia e a civilização indígena. Personagem principal da nossa pesquisa e assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO II – DAMIANA DA CUNHA

Neste capítulo abordaremos a vida de Damiana da Cunha que ultrapassou os limites de uma sociedade marcada por normas e códigos culturais, ela veio a se destacar tornando-se querida não só pela nação Caiapó, como também dos governantes da época, Damiana da Cunha atuou como mediadora entre a política de aldeamento, as lembranças devem estar presentes em nossas vidas, e das pessoas, fazendo com que surja o crescimento e valorização dos fatos passados:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que essa reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que esteja em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando deste para aqueles e vice-versa o que será possível se somente tiverem feito e continuarem a fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS 2013, p. 39)

Fez parte de uma sociedade marcada pelas normas coloniais, não media esforço quando se tratava em ajudar os indígenas, poucos sabem da sua importância, assim como todo acontecimento tem um valor histórico, é importante fazer memória ao nome de Damiana da Cunha. Não podia deixar de citar no segundo tópico, os Caiapós índios carregados de cultura, que foram obrigados a seguir os costumes europeus, eram povos de grande interesse aos olhos dos governantes para serem mão de obra, afinal, eram grupos violentos que atacavam e saqueavam viajantes, era necessário “civiliza-los” logo para tê-los próximos. No terceiro tópico, trazemos informações sobre a política indigenista do século XIX, do qual Damiana da Cunha participou, foi marcada nesse século pelo extermínio e muita resistência por parte dos indígenas. Com tudo já exposto, abordaremos por fim a liderança feminina de Damiana da Cunha, onde nota-se os múltiplos papéis desenvolvidos por ela, seu trabalho e o reconhecimento adquirido.

2.1 UM POUCO SOBRE DAMIANA DA CUNHA

Entre outras mulheres indígenas, a vida de Damiana da Cunha nos permite traçar muitas trajetórias, suas experiências enriquecem o contexto histórico abordado, neta de um cacique, apadrinhada pelo governador, a personagem não deixou nenhum escrito de próprio cunho, porém são muitos os trabalhos e história feita por pessoas

da época e posteriores, a personagem desenvolveu um papel importante entre os índios Caiapós, vivendo entre o final do século XVIII e o início do século XIX em uma sociedade firmemente patriarcal, Damiana da Cunha conseguiu por meio de muito esforço e vontade se destacar.

Em 1819, o viajante Auguste de Saint-Hilaire, francês que visitou o aldeamento de São José de Mossâmedes, não mediu esforço a falar de Damiana da Cunha, fala com clareza que a atuação das mulheres ali é melhor que na própria cidade de Goiás, e vê na personagem uma figura política importante, figura política essencial para o governo daquela região, conhecendo Damiana da Cunha viu que era uma pessoa bastante respeitada onde os Caiapós tinham muito apresso a sua figura.

Segundo Célia Coutinho Seixo de Brito, a personagem Damiana da Cunha nasceu por volta de 1779, chegou a Vila Boa em 17 de maio de 1781 “Trazendo um menino pela mão e uma linda criancinha pelas costas, sentada numa espécie de rede de cipó pendente de uma faixa que lhe cingia a cabeça” (SOUZA E SILVA, p.527).

Não se sabe o nome certo de origem da índia, ela é mencionada como Damiana da Cunha Menezes, herdando o sobrenome do governador de Goiás; D. Luiz da Cunha Menezes, que se tornou padrinho não só de Damiana como de todas as crianças filhas do Cacique e pessoas importantes entre os Caiapós. A autoridade tinha como interesse que os índios vivessem em uma sociedade colonial imposta por eles. Damiana da Cunha foi levada e criada pelo seu padrinho, onde recebeu educação religiosa e Cultural de acordo com a sociedade colonial, diferentemente das outras crianças que eram expostas ao trabalho compulsório.

Damiana da Cunha passou a viver em Mossâmedes quando seu padrinho saiu do cargo de governador. Se sabe pouco de Damiana da Cunha, sua vida pessoal e cotidiana, porém bem claro em todas a historiografia que atuou como mediadora entre a política de aldeamento com os Caiapós.

Damiana da Cunha casou-se com dois militares não indígenas. Não foi encontrado o número de filhos em nenhum registro de cartório nem certidões de batismo da época. Seu primeiro marido foi José Luiz da Costa, um sargento pedestre. Casou-se aproximadamente com 14 anos de idade. O primeiro marido faleceu em 1809 e Damiana da Cunha casa-se de novo com Manuel Pereira da Cruz em 1822, também soldado pedestre, sendo mulato e sem condições financeiras, ele passou a acompanhar a personagem em suas expedições.

Damiana da Cunha, porém, já gozava de sua importância política, já era uma figura reconhecida, essa posição fez viver uma fase diferente das que viviam as mulheres da época longe das atividades domésticas. Assim passou a ser “Mestra, missionária, mediadora de Conflitos, mulher de fronteira e cabeça de expedições.” (KARASCH, XVIII e XIX, p.87).

Damiana da Cunha fez diversas expedições, seu trabalho era a catequização dos Caiapós, nem todos os índios foram convertidos à religião católica, muitos fugiram e não enquadraram aos costumes Cristãos, Damiana da Cunha sim permaneceu até o fim. Era descrita de seguinte forma pelos visitantes do aldeamento:

Pohl - Os índios prestam-lhe cega obediência, e ela andava na aldeia com pedacinho de pau nas orelhas, como sinal de sua elevada origem. Saint-Hilaire - Antes de deixar S. José fui visitar, em companhia do cabo-comandante, a pessoa que merecia a mais alta consideração dos Caiapós em toda aldeia... Dona Damiana, neta de um cacique viúva de um sargento dos pedestres ao qual o governo de aldeia estaria entregue durante muitos anos, (...) falando corretamente o português. Era amável e jovial, e tinha uma fisionomia aberta e inteligente (...) Era intenção de D. Damiana ir a procura dos Caiapós da aldeia que tinha fugido para a mata e ao mesmo tempo trazer, ao voltar um bom número de seus compatriotas ainda selvagens. Obtivera permissão do capitão-geral para se ausentar por três meses e pretendo partir em breve. (apud ATAIDES, 1994 p.47).

Educada, transmitia os ensinamentos da sociedade europeia, Damiana da Cunha em muitas fontes escritas é vista com bravura, demonstrou ser amável e fiel a igreja católica, e propagava o seu ensinamento, com o batismo, conduziu o seu povo Caiapó à civilização e à cristianização, sendo a principal forma de persuasão e um modelo de união entre os povos.

Sua morte foi lamentada pelos seus contemporâneos, tanto as autoridades como o povo Caiapó. Ela veio a falecer como consta nas historiografias no ano de 1831, segundo Lincoln Ferreira da Cunha, Damiana da Cunha foi sepultada na igreja de São José de Mossâmedes.

2.2 OS CAIAPÓS

A convivência com os índios Caiapós era firmada por negociações, tanto braçais ou em troca de bugigangas até o início do século XIX, Os índios não estavam satisfeitos vivendo naquele lugar daquele modo, pois para viver ali tiveram que adaptar-se a vários tipos e formas de vida que até então era desconhecidas por eles,

isso de certa forma foi extinguindo sua cultura, contudo muitos não se adaptavam a esse novo ritmo de vida e fugiam, muitos foram embora para os matos e sertões. Necessitava-se de indígenas para povoar as aldeias, então, os sertanistas e o governo faziam expedições com intuito de buscar ouro e mão de obra. Essa era a realidade do século XVIII:

Alguma estimativa propõe que os nativos que se opuseram a colonização branca foram violentamente combatidos desde 1739 e pacificados em 1781. Essa nação era composta de quatro aldeias que foram reunidas no aldeamento Maria I; nesse momento, parece bastante dizimados: em aldeamento sobreviveram apenas 687 índios de uma população estimada em 3000 pessoas. Em 1831, os 129 índios restantes foram transferidos para São José de Mossâmedes e em 1910 tem-se a notícia de 30 a 40 sobreviventes que morava perto do Rio Grande (Araguaia), abaixo do Salto Vermelho, os quais posteriormente desapareceram. (SOUZA, 2002, p.38).

Nota-se com os dados acima que havia pouca quantidade de povos indígenas na região, que a luta incessantemente por uma vida normal, havia também resistência contra os bancos, pois não aceitavam a ocupação de suas terras, os caiapós por seus feitos, o espírito guerreiro, são povos bastante analisados pela historiografia, com discussões por suas revoltas e perseguições, eles eram perseguidos com força e morte pelos aventureiros na conquista do sertão dos Goyazes, isso mostra as dificuldades de expansão e ocupação territorial dos europeus naquela região.

Em algumas pesquisas escritas nota-se que as ações concretas vividas pelos povos indígenas, mesmo sendo agentes ativos do contexto histórico, não é dado o prestígio e reconhecimento merecido pela sua luta, estas são ocultadas, de certa forma, sendo importante notar que já não existe um só Caiapó em Mossâmedes, foram extintos dessa região:

Caiapós- Nação bravíssima e muito numerosa que, com seus ataques, obsteu em principio o aumento da capitania, e hoje residentes nas aldeias de Maria e São José; ainda existe muitos ao sul de Vila Boa tendo diferentes aldeias, sendo a maior a que está nas vizinhanças de Camapuã. Alonga-se nas suas caçadas e correrias até os sertões de Curitiba, em distâncias de trezentas léguas, são valentes e guerreiros. Usam, além de arco e flecha, em que pelejam de perto, têm alguns ritos judaicos. Admitem a poligamia e o divórcio, contam os meses por luar. Fazem festas e ajuntamento noturnos, em que em confuso procuram a propagação. Fazem as exéquias dos seus mortos com danças e se tingem de negro nas ocasiões de seus sentimentos. Nas vizinhanças da Páscoa pintam em si com tinta de jenipapo, batinas, peitos de armas, e fazem então com grande vozeria as suas festas e jogos sendo o mais célebre o que chamam de touro, em que se disputam uns com os outros as forças na carreira, tomando uns dos ombros de outros um grande tronco que empregam neste mistério. (SILVA E SOUZA, 1979, p.125-127).

Diante ao conflito os Caiapós tornaram-se a tribo mais temida do sertão goiano no século XVIII, quando eram pegos fazendo algo que não agradava os brancos, eram castigados sem piedade, o que deve ser um dos motivos pelo qual se revoltavam, a vontade de viver novamente a vida que vivia em seu habitat de origem, fazendo o que lhe convém, convivendo e alimentando ainda mais suas crenças e costumes.

A educação proposta pelo Diretório dos Índios (1755) foi aplicada com D. Luiz em Mossâmedes, os meninos e rapazes iam a “escola de ler” onde aprendiam a ler e escrever conduzindo ao cristianismo, já as meninas era destinadas as tarefas domésticas, eram recolhidas uma forma de preparar para o casamento, nota-se um meio de subordinação, diminuição dessas meninas se desenvolver entre homens não só naquela fase de juventude, como adulta, dificilmente se destacaria, o trabalho ambos deveria exercer; os caiapós que ia chegando das expedições deveriam se adaptar a esse ritmo de vida, caso não cumprisse a tarefa como proposta eram obrigados por força, castigados. Contudo o governador da capitania de Goiás o Luiz da Cunha Menezes “resolveu empregar meios dóceis, conciliatórios e humanos a civilizar aquela tribo energética e guerreira” (CARVALHO, 2001, p.18).

Então, partiu da Cidade de Goiás uma bandeira no ano de 1780, que tinha objetivo pacificar os caiapós do Sul, já quase desistindo por não obter sucesso, volta a cidade de Vila boa a bandeira do soldado Luiz acompanhada de 40 (quarenta) índios Caiapós do Sul, entre eles estava um cacique Romecci e sua filha, que trazia duas crianças. (ATAIDES, 1994, p.46). Quando eram achados os índios eram recebidos com festas, era um momento especial para os membros do governo, e ajuntavam todos para recebê-los.

Os Caiapós também conhecidos como coroados, e seu território ia desde Camapuã até Curitiba, viviam livres com sua gente nas aldeias, andavam nus, e manuseava perfeitamente seus arcos e flechas, objeto de defesa obtidos feitos pelos próprios Caiapós, a lua servia para a contagem do tempo, praticavam disputas de força e velocidade, e enterravam seus mortos com danças. Conforme Ataidés:

Uma espécie de porta para se tornarem minimamente aceitos pela sociedade branca. Se para o cristão o batismo é promessa de vida no espírito, para o Caiapó do Sul, forçado a desejar-lo, foi uma conexão com a morte.(ATAIDES, 1994, p.27).

Nesse processo de cristianização houve também resistência, já sabiam que eram obrigados a deixar de praticar suas crenças e costumes para aceitar outras regras.

O território goiano era povoado de norte a sul, por diferentes tribos indígenas que já viviam no território bem antes desse período, o que dificultaram a entrada dos mineradores:

A literatura etnográfica identificou a existência de dois grupos Caiapó: Os Caiapó do Sul e os Caiapó do Norte, os primeiros dominaram a extensa área, que ia do Camapuã no Mato Grosso do Sul as áreas sul de Goiás, Pirenópolis e Luziânia. A leste do território dos Caiapó do Sul se estendia além do rio Paranaíba, incluindo o Triângulo Mineiro e São Paulo. Os Caiapó do Norte dominaram a extensa área do sul do Para e norte do Mato Grosso. Tanto os Caiapó do Sul quanto os do Norte pertencem ao mesmo traço linguístico macro-jê. (ATAIDES, 1994, p.23 e 63).

A bravura dos índios Caiapós proporcionava diversos ataques aos colonizadores, por outro lado, os Caiapós do Sul não eram acostumados a integrar em outras nações indígenas, em seus ataques quem encontrava lá eram mortos, diferentemente de outros índios que agiam passivamente, se tornando os caiapós temidos no sertão goiano.

2.3 A POLÍTICA INDIGENISTA DO SÉCULO XIX

A política indigenista em Goiás raramente é mostrada na documentação histórica e são poucos os trabalhos historiográficos. Basicamente, se fundamentava na captura do nativo para a escravidão e em seguida o extermínio para a desocupação de terras em conquista, quando os mineradores vieram a Goiás houve guerra, com o intuito de proteger os garimpeiros, governadores organizaram expedições para atrair os Caiapós, mas notava-se que eles eram difíceis de dominar. Martinho de Mello e Castro decidiu enviar instruções ao governador da capitania de Goiás, José de Almeida Vasconcelos (o Barão de Mossâmedes):

“A 1º de outubro de 1771 escreveu: [...] sem a população não se podia esperar utilidade alguma da capitania de Goiás. [Considerava] a impraticabilidade de se provar a dita capitania [...] senão com os nacionais da mesma América; e que, achando-se todo o sertão daquele vasto continente coberto de índios estes deveriam ser principalmente os que povoassem os lugares, as vilas as cidades [...] na segurança de que sem eles nem poderia haver cultura; nem comércio, nem opulência, nem segurança que não fosse precária no Brasil.” (KARASCH, 1992 p.399).

É notável a importância dos índios para o crescimento e andamento da capitania, eles eram o principal elo de desenvolvimento da capitania, suas terras eram bem vista pelos colonizadores, e proporcionará a mão de obra para os colonizadores, vendo tamanha a habilidade e rapidez dos índios, necessitava obter confiança não pela força, e sim por meios pacíficos, o cristianismo e a catequese foram um método usado.

No entanto, com tantos conflitos e perseguição os índios permaneciam da mesma forma, sem nenhuma condição de prestígio, as ações bandeirantes não conseguiram trazer a paz, a guerra estava longe de terminar, o governador ao longo das expedições conseguiu conquistar as tribos indígenas do Xavante, que ao longo do século XIX ainda resistia as tentativas de conquista, e continuava a matar os colonos. Com o declínio da mineração e falta de mão de obra, usaram a persuasão para que esses índios viessem a trabalhar servindo como fonte de trabalho para os colonos até a conquista de população indígena.

O governador recebeu uma carta de Lisboa que dizia que os índios deveriam povoar as vilas e as cidades do grande sertão, aconselhando que para atraí-los e fazer com que viessem por livre e espontânea vontade, seria necessário que os índios recebessem “brindes” ou “presentes” - tecidos, ferramentas, alimentos e outras especiarias, essas orientações seriam fundamentais para o comércio a cultura e a segurança (ATAIDES, 1998, p.87 e CARVALHO 2001, p.12).

Em 1775 foram trazidos para aldeia de São José de Mossâmedes os primeiros índios capturados pelas expedições do Barão de Mossâmedes com os povos Akroá, além dos Xakriabá, Carajá e Javaé. O governador ofereceu-lhes hospitalidades e garantiu ter boa fé em sua amizade, prometendo segurança e ressarcido o que não tinha, o batismo era imposto em segundo plano, preocupava o governador como iria sustentar aquela quantidade de povos, porém era muita a sua felicidade, era uma forma de preencher o problema de mão de obra e não existiria falta de população, sendo útil para o futuro, eram destinados cargos para animar os índios a trabalhar da forma desejada, isso novamente fez com que se esgotassem suas crenças e culturas, e seguissem os exercícios dos europeus.

Em Goiás, eram poucos os colonos, os índios viviam em meio aos mestiços africanos e mulatos, com a falta do ouro, e falta de habitantes contrataram também os sertanistas para assumir as responsabilidades, enquanto isso, os Caiapós se fortaleciam nas fronteiras, atacando mais e mais colonos e fazendeiros, o governo deu

permissão para guerrear conta índios hostis, foram construindo presídios, matava e escravizava índios nas expedições, os índios que viviam nas aldeias cultivaram bens agrícolas, propiciando o endividamento, para amenizar as aldeias foram entregues a religiosos:

O decreto de 25 de abril de 1857 passou efetivamente a administração das aldeias para os religiosos, mas a falta de padres levou o governo imperial a procurar missionários estrangeiros para o Brasil- e para Goiás.” (KARASCH, 1992, p.404)

Tendo o objetivo de sedentarizar os índios nas aldeias, ensinando a doutrina cristã, mas que continuasse a trabalhar, a política indigenista do século XIX era firmado em trabalho e religião, tornando úteis e civilizados, essa era a forma mais capaz de conduzi-los aos aldeamentos e “amassá-los”, promovendo assim mão de obra abundante, os índios já batizados e civilizados se misturavam com as outras populações, era difícil a contagem, dificultando a análise da política de catequese pelo governo, o viajante Pohl escutou no norte da província as seguintes opiniões: que deveriam ser “aniquilados” de que “o rei deveria mandar auxilio para exterminação desses “bichos”, e que “eles eram uma praga para humanidade.” (apud KARASCH, 1992, p.410).

Está claro na historiografia que a política indigenista foi formulada em cima do extermínio, onde os índios alimentavam a resistência, a política indigenista do século XIX necessitava de homens comuns para vigiar as fronteiras, com os militares para adentrar os sertões indígenas não tinham outra alternativa ou fugia ou aceitava a vida colocada pelos colonos. Depois de conquistados e pacificados os homens eram destinados a acompanhar as bandeiras (jesuítica), servindo de guia, ou prestar serviços militares, quando civilizados prestava serviço ao governo, tanto homens quanto mulheres, eram aldeados também muito jovens, posteriormente adquiria a religião tornando-se cristãos.

2.4 A LIDERANÇA FEMININA DE DAMIANA DA CUNHA

Analisaremos o papel da mulher em uma sociedade patriarcal, onde era criada desde a infância para um propósito: se tornar esposa, mães de família e procriação. Damiana da Cunha vai além desse projeto de sociedade envolvente, atuou de forma

direta entre os Caiapós como mediadora e pacificadora, ao contrário de muitas mulheres de sua época fez sua história entre as nações indígenas, onde muitos não acreditavam no seu potencial, alimentou em si a vontade de transformação e mudança.

Damiana da Cunha atuou na capitania de Vila Boa e na aldeia de São José de Mossâmedes, no qual trabalhou para a *pacificação* dos índios principalmente a nação Caiapó. Nas últimas décadas do século XVIII em decorrência do declínio da mineração, cresceu rapidamente as atividades ligadas ao campo, a agricultura e pecuária, atividades que necessitavam da conquista de terras e mão de obra, os Caiapós se tornaram alvo, foram perseguidos.

É importante lembrar que tudo era direcionado pelos homens brancos, o crescimento de Damiana da Cunha pode se dizer que teve privilégios, pelo fato de ser próxima ao cacique principal e pela conveniência de seu padrinho D. Luiz da Cunha Menezes (governador da capitania de Goiás), obteve vínculos sociais, políticos, religiosos e culturais, Damiana da Cunha é vista com vários olhares pelos pesquisadores, da mesma forma que é transcrita como missionária catequista de sua época, também é descrita bem próxima a seu povo de origem Caiapó. Joaquim Norberto Silva a descreve: “como mulher bela entre as mulheres de sua época.” (SOUZA e Silva, 1861, p.528).

Falava bem o português e trazia em sua face um semblante alegre. Outro pesquisador em seus escritos mostra outra face da personagem, que a índia Dona Damiana quando necessário “põe-se nua pinta-se e sai ao campo, e conduz os índios como lhe parece.” (MATTOS, 1864, p.305). Ao mesmo tempo dela conviver e ser instruída pelos brancos no qual cresceu e foi educada pelo seu padrinho o governador, estava a todo tempo presente na vida dos índios, não perdeu suas crenças de origem indígena.

Os índios pela insatisfação com o aldeamento proposto pelos brancos fugiram do trabalho, eles voltavam para o mato e isso era um prejuízo grande para o aldeamento que necessitava desses indígenas para produzir mão de obra, Damiana da Cunha trouxe diversas expedições, indo fora da fronteira colonial, a fim de conquistar os índios e trazer novamente as aldeias, passou a exercer uma liderança política reconhecida por todos. Diz o cronista que ela “mereceu não só o respeito extraordinário dos índios aldeados e ainda dos selvagens, como consideração e

estima dos presidentes e principais pessoas da província.” (SOUZA e SILVA, 1861, p.527,529).

Damiana da Cunha foi única entre as nações indígenas, pois recebeu do governador o respeito e autoridade para servir como chefe de expedição, a administração de tudo pertencia a ela, tinha o desejo de satisfazer a política vigente, por meio da religião tentava conquistar os índios, protegia seu povo indígena do homem branco, pois acreditava que era mais fácil sobreviver na aldeia que nas matas.

Com base na historiografia, em 1808 Damiana da Cunha realizou a sua primeira expedição. Segundo Mary Karasch, Damiana (2000) deixou seu marido e partiu sozinha na sua missão no rio Araguaia, regressando com 70 índios. No ano de 1820 parte novamente em busca dos Caiapós chega com o mesmo número de selvagens. Grandiosa foi a recepção feita em São José de Mossâmedes em comemoração à conquista, tão grande era o trabalho desempenhado por Damiana da Cunha e as autoridades, porém os Caiapós continuavam atacando, matando e saqueando os viajantes, o governador Miguel Lino recorre a Damiana incentivando a pacificação, para que trouxesse mais indígenas.

Em 1828 parte, pela terceira vez Damiana da Cunha em direção ao Camapuã, fica por lá sete meses chega com 102 Caiapós. Joaquim Norberto (s/d) descreve a chegada: “entrava contentes e satisfeitos no tempo da famosa aldeia de Mossâmedes e submissos aceitavam das mãos do vigário Manuel Camelo Pinto, o batismo que lhes abria as portas da nova existência”.

Vendo os bons resultados das expedições, novamente o governador recorre a Damiana da Cunha, de novo ela regressa com o seu segundo marido Manoel Pereira e seus escravos José e Maria. Essa foi sua última missão. A 12 de Janeiro de 1831, regressou ela. Diz Joaquim Noberto:

“O seu séquito, porém, era menos numeroso todos quantos viram Mossâmedes em suas triunfantes entradas. Damiana da Cunha apoiada nos braços de seus índios, caminhava vacilante: seus olhos cheios de vida, estava como que apagados de tristeza se lhe desenhava nas faces amornadas. Aí era o anjo da morte que pairava sobre sua cabeça, curva inclinada para a terra.” (...) tinha expirado a mulher missionaria que estragava a mulher missionaria que estragava a existência em suas famosas peregrinações e para quem a pátria não teve uma recompensa digna de seus serviços. (SOUZA E SILVA, 1861, p.7)

Após a morte de Damiana da Cunha, muitos índios fugiram, não tendo mais a negociação, as aldeias se esvaziaram, pois não ofereciam benefícios aos índios,

Contudo, os governantes necessitavam dos indígenas para a produção de mão de obra para os produtores produzirem a agricultura e a criação de gado, isso fez com que alimentasse ainda mais o trabalho forçado pelos índios, aumentando a fúria dos Caiapós.

Os colonizadores de certa forma destruíram com a identidade cultural dos índios, sendo o fim da aldeia São José de Mossâmedes, sem a presença de Damiana da Cunha, seu irmão de sangue Manoel da Cunha passou a liderar, não aceitando a forma que o governo tratava os índios, incentivou a fuga dos Caiapós, que deixou as aldeias e voltou para o mato.

Damiana da Cunha foi agraciada com o título de Capitã-mor dos índios, dado pela autoridade a sua pessoa capitã-mor e chefe de expedições, sendo poucas as pessoas que conseguiam conquistar o cargo. Nota-se o quanto Damiana da Cunha exerceu um grande papel na política indigenista, hoje é conhecida entre tantas outras personalidades femininas que se destacaram.

CAPÍTULO III – A MEMÓRIA DE DAMIANA DA CUNHA

Neste capítulo, de primeira estância é abordado a memória de Damiana da Cunha, com base a obra de Pierre Nora falando da importância da preservação da memória para as pessoas e gerações futuras, é uma forma de fazer com que ela viva e permaneça na vida das pessoas, qualquer acontecimento passado traz consigo informações tendo sua importância.

A memória é um elemento essencial na constituição da identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma atividade fundamental dos indivíduos e das sociedades hoje. (LE GOFF, 1994, p. 476).

A necessidade de entender o que se passou e a importância de se preservar, em seguida mostraremos a memória que a cidade ainda hoje preserva com o nome de Damiana da Cunha, assim como a história é uma área do conhecimento em constante processo de transformação, as pessoas muda, o tempo não para, analisaremos apesar dos anos passados o que ainda existe, e por fim foi feito uma pesquisa de campo, analisando a memória pública das pessoas sobre o conteúdo

abordado, buscando entender o que o povo mossâmedino conhece sobre Damiana da Cunha.

3.1 LUGARES DE MEMÓRIA

Analisaremos o conceito de memória com base escrita na obra de Pierre Nora, *Entre Memória e História- A problemática dos lugares*, observando as acelerações e transformações da história, onde é criadas curiosidades pelos então lugares onde a memória ainda é existente em um momento da vida, onde não é citado pelas pessoas e muito menos pela sociedade.

“É o mesmo modo da percepção histórica que com a ajuda da mídia, dilata-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada pela herança de nossa própria intimidade pela película efêmera da atualidade.” (NORA 1984, p.8)

É notável que exista uma oscilação histórica onde os muitos acontecimentos passados estão sendo esquecidos, não se dá a atenção merecida, muitos nem ao menos imagina, e nem necessita da vontade do querer saber o que se passou antes para chegar aonde chegamos hoje, atual presente, a necessidade de mostrar a elas, usar artifícios para que não chegasse a cair no esquecimento, a partir do momento que alguma pessoa busca não somente o erro de falar o que não sabe, ou praticar contextos subordinados, a dúvida muitas vezes faz com que nos deparemos com tal situação, e ainda transmite o que não sabe ao certo as outras pessoas, ao fazer isso, sem muitos ao menos notar, faz nasce um acontecimento bastante frequente, o desfalecimento dos fatos históricos. As pessoas devem entender que existe muitos acontecimentos ricos em informações, a necessidade de recordar estando o mundo em constante processo de evolução, a história é uma construção continua, problemática e incompleta, pelo fato do passado não existir e não poder voltar ao tempo, surge necessidade de fazer memória a determinada coisa para lembrar os acontecimentos, alguma ocasião surge a vontade de procurar entender onde e porque tudo começou.

Pierre Nora diz: “O passado só seria possível conhecê-lo, e vos servi-lo, o futuro prepara-lo.” (NORA 1984, p. 12) Ao conhecer o que passou identificará o que contemplou e o que ainda restam, isso fará com que surge a vontade de entender,

para que outras pessoas possam gozar do mesmo conhecimento, vindo o que trouxe de benefício a determinada sociedade. Vemos nos dias atuais um esgotamento frequente se dado pela modernidade, que deixa de lado o conhecimento imaterial que nem sempre é aprimorado e nem lembrado, a necessidade de conhecer o passado, fará com que entenda o presente e os desdobramentos do futuro, por essa importância existe os lugares de memória, porque a memória da cabeça de muitas pessoas já foi apagada, são esses lugares de importância que devia assegurar a conservação e a transmissão de valores. Nora dirá: “Os museus os arquivos, cemitérios, coleções de festas, aniversários, tratados próximos ou verbais, monumentos, santuários, anotações, são marcos de testemunhos de outra época, era das ilusões de eternidade.” (NORA 1984, p. 13) esses pequenos acontecimentos, ou monumentos vem cada dia mais sendo deixada ao esquecimento, essa percepção histórica é perdida a cada dia que se passa, e vem sendo substituída pela modernidade, é lamentável porque existem muitas crenças culturas que vem perdendo suas forças, já não consideram como algo de importância, já não soma seu determinado valor.

Cada acontecimento em qualquer época passada traz reflexos em nossa vida, esta impregnado em nossa mente, por isso a necessidade de consagrar lugares. “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, à história uma representação do passado”. (NORA 1984, p.9) A representação do passado chamado de história necessita de análise por meio de provas condizentes e discurso crítico já a memória não tem detalhes que a confronta, a memória nasce de lembranças, com as transformações e mudanças infelizmente é valorizado mais o novo do que o antigo, valoriza-se mais o presente sem ao menos se lembrar do que foi o passado.

Pierre Nora ressalta que os lugares de memória alimentam de sentimentos que não há memória espontânea, a necessidade de concretizar, isso se faz com a busca do querer criar, só assim manterá os museus celebrações aniversários, e tantos outros como citado pelo autor, deve fazer memória, e brotar em cada pessoa o desejo de não deixar se apagar o marcos da vida, isso é uma forma de preservar a origem de antepassados e de si mesmo, assim marcara também em um determinado tempo a história, deixando não somente aos futuros historiadores como pesquisadores, como pra a sociedade, alguma coisa feita, que a memória recordara em algum momento.

O ser humano para Pierre Nora deve tudo a sua subjetividade, ele próprio cria e recria, ele próprio dá sentido à vida. Esses lugares de memória é então o que tudo

conta, e tudo tem sua importância por menor que seja, mostra um ponto de vista, é o que se torna diferente da história que muitas vezes coloca o passado como algo distante que precisa e necessita sempre ser reelaborado.

A história faz sua pesquisa com intuito de encontrar seu significado, sendo ele desconhecido, na sociedade contemporânea Nora se depara, e elabora ideias sobre memória e história, volta seu olhar com apreço aos lugares de memória, onde mostra a importância de conhecer e resgatar uma memória através de uma ação, esse querer descobrir brota uma preocupação historiográfica, que vai dar início a uma história crítica do que ainda existe e seus restos do passado. Na cidade de Mossâmedes ainda há continuidades que merece ser preservada, incentivada o conhecimento, despertando a curiosidade, a vontade de entender na cabeça do leitor e da sociedade, assim chegara ao foco primordial que muitos procuram porem poucos adquire, o conhecimento.

Pierre Nora dirá então: “A definição nacional do presente chama imperiosamente sua justificativa pela iluminação do passado”. (NORA 1984 p.11). Nos mostra que o presente é sempre fruto de um passado, existe pessoas que fez seu marco em um determinado período, e sempre a continuidades a serem explorados, muitos já começaram, porem longe de um fim, a história e a memória, são companheiras, porque não existem contextos pronto e determinado, pode sempre haver novas descobertas, que a memória lembra, e a história reescreve.

Damiana da Cunha conseguiu deixar lembrança na sociedade, muitos fizeram e ainda faz memória a seu nome, apesar de ter sido índia e mulher, em uma sociedade movida pelo domínio patriarcal conseguiu se destacar, é necessário fazer sua própria história, por meio e interação da memória, é uma forma de criar conclusões e elaboração de ideias, para chegar a descobertas, não deixando o presente apagar do passado, com o passado obtemos respostas plausíveis para o entendimento do hoje, sendo assim a memória por sua vez nos da o sentimento de continuidades.

3.2 LUGARES QUE GUARDA A MEMÓRIA DE DAMIANA DA CUNHA

Vive hoje na sociedade a constante presença da modernização, fazendo com que de certa forma elimine quase por completo as representações do passado, por mais importante que seja ela, é deixada ao esquecimento, não se da a importância necessária aos fatos, menos ainda a memória pelos monumentos e pessoas que teve

importância no passado, ao relembrar o passado, algo que religue, lembra ou incentive, surge a necessidade de conhecer os lugares de memória, resgatando-o. Existem hoje na cidade de Mossâmedes lugares que ressuscitam a memória de Damiana da Cunha, tendo-a como nome, uma delas é a Escola Municipal Damiana da Cunha.

FOTOGRAFIA 02: Escola Municipal Damiana da Cunha.

Fonte: Acervo pessoal Karla Ferreira, 2017.



Localizada na Avenida Ferreira da Cunha. S/N no centro da cidade de Mossâmedes, quem passa no local vê de longe o nome da escola, o que remete o pensamento para uma mulher alguns sabem, em outras cabeças geram a dúvida, a escola é exclusiva a educação infantil, esse motivo impossibilita que seja passado o conhecimento sobre a personagem a crianças que ali estuda. A cidade de Mossâmedes existe hoje muitos lugares que foram batizados como os nomes de determinadas pessoas que se destacou em um período de tempo marcado pela imposição do período colonial, existe ruas que trazem consigo o nome de Damiana da Cunha, não se sabe ao certo quem batizou esses lugares dando-lhe o nome, pelo fato da cidade ser pequena tendo cerca de 4.800 habitantes, boa parte conhece as ruas e nomes.

Há lugares que de alguma forma, por aspectos menores que seja é contemplada pelos admiradores existentes hoje na própria cidade, aqueles que conhecem sabendo da importância que se teve determinada pessoas, esses lugares também fazem memória ao nome de Damiana da Cunha.

FOTOGRAFIA 03: Foto de Damiana da Cunha na Prefeitura Municipal de Mossâmedes

Fonte: Acervo pessoal, Karla Ferreira, 2017.



A figura acima mostra a entrada que dá acesso a prefeitura municipal de Mossâmedes existe um lugar reservado com o quadro de Damiana da Cunha na parede, todos que passa por ali de alguma forma contempla a obra, é considerada como uma figura importante pacificando os indígenas e conduzindo ao cristianismo, desta forma é vista por alguns como uma figura política importante da época. Assim como na prefeitura municipal existe outros lugares que fazem culto a sua memória, como Registro de imóveis e tabelionato 1º de notas da comarca de Mossâmedes (Cartório) na entrada existe a mesma imagem. São esses lugares que assegura o conhecimento das gerações futuras, abrindo questionamento para a geração do presente.

Esses questionamentos fez com que rendesse pesquisas e obras, são muitas as pesquisas destinada a figura de Damiana da Cunha, na cidade de Mossâmedes Lincoln Ferreira da Cunha prefeito da cidade de Mossâmedes no ano de 1966 a 1970 e a segunda vez no ano de 1973 a 1977, escreveu um livro sobre as perspectiva histórico e social de Mossâmedes, no qual não mede esforços em falar de Damiana da Cunha, foi o único que teve a audácia de escrever e publicar na cidade de Mossâmedes sobre a história da sua cidade. Dizendo: “A História faz justiça à memória de Damiana da Cunha não se esquecendo do seu nome”. (CUNHA, 2004 p.68) Assim como o autor a necessidade de recorda esses lugares de memória, levantando pessoas que tenha apreço por Damiana da Cunha, lembrando e contando o que ela fez para a então cidade de Mossâmedes.

FOTOGRAFIA 04: Igreja Matriz São José de Mossâmedes

Fonte: Acervo pessoal Karla Adorno, 2017.



Graças a política de preservação do chamado patrimônio material, existe ainda hoje na cidade a Igreja Matriz São José de Mossâmedes, somente ela foi o que restou de histórico na cidade, dos casarões e os povos indígenas, de tudo ficou somente a mistura étnica de raça e em linhas de textos e quatros antigos, a igreja

mostra uma representação riquíssima do passado, no qual foi construída pelos indígenas, construída no ano de 1774 pelo governador da Capitania de Goiás e Capitão general D. José de Almeida Vasconcelos Soveral de Carvalho Barão de Mossâmedes, para sua residência e local de escravização dos índios Caiapós, e serviu de moradia também a Damiana da Cunha, nota-se que a igreja foi muito bem arquitetada com normas da coroa portuguesa, hoje com 243 anos é admirada por todos que a visita

FOTOGRAFIA 05: Placa de construção e inauguração da Praça Damiana da Cunha.

Fonte: Acervo pessoal Karla Ferreira, 2017.



A foto acima foi implantada na Praça Damiana da Cunha, ela existe na praça desde sua fundação, com a ampliação, novamente foi implantada, analisa-se que a praça foi construída na administração do prefeito Domingos de Souza e Silva, no ano de 1971, que foi ampliada e revitalizada pela prefeita Divina Lúcia de Almeida Dias no ano de 2016, a atual praça hoje foi bem construída por arquitetos e engenheiros, no qual fez um rico trabalho, tanto arquitetônico como paisagístico.

Com intuito de abrigar visitantes e turistas que passa pelo local, também foi uma forma de valorizar o único patrimônio histórico que existe na cidade a Igreja matriz São José de Mossâmedes, que está à frente da praça, como também um meio de chamar atenção para o monumento que foi construído no meio da praça, todos que ali passa de alguma forma ao olhar a imagem remete a curiosidade e imaginação na cabeça das pessoas.

FOTOGRAFIA 06: Painel do artista plástico Omar Souto – Praça Damiana da Cunha.

Fonte: Acervo pessoal Karla Ferreira, 2017.



Com a ampliação e revitalização da Praça Damiana da Cunha, resgatou a memória de Damiana da Cunha, nota-se que o monumento exposto mostra uma mulher com os seios a mostra, ao mesmo tempo usa uma vestimenta (saia) na parte inferior do corpo, mais abaixo analisa que esta com um pé descalço e outro calçado, essas contradições para quem conhece a história de vida da personagem Damiana da Cunha chega a conclusão que a obra feita pelo artista plástico Omar Souto, quis mostrar ao público que Damiana da Cunha era uma índia, por isso nua e descalça,

mais ao mesmo tempo civilizada, por esse motivo vestida o corpo inferior e um de seus pés calçada, naquele período de tempo somente os colonos e quem tinha poder se vestia com vestimentas, no entanto o artista quis mostrar que Damiana da Cunha era uma índia, porém instruída, na sua mão do lado esquerdo carrega uma cruz, mostrando ser cristã, ela mesmo direciona seu povo Caiapó a cristandade e o batismo, sua mão direita faz sinal de paz, como visto no capítulo 2, Damiana da Cunha pacificava os índios com intuito de amansá-los, diminuindo os diversos ataques e morte que os indígenas se rebelava contra os colonizadores. No monumento ela apresenta juntamente com um indiozinho pequeno, e um adulto, no qual mostra o monumento que Damiana da Cunha esteve sempre ao lado dos índios, por esse motivo se tornou tão amada pela nação Caiapó.

O monumento tem tudo a ver com o nome da praça, mais ainda com o grande trabalho feito por Damiana da Cunha para com a aldeia são José de Mossâmedes no passado, são esses lugares de memória que faz com que grande marcos e pessoas do passado não caiam no esquecimento, sendo lembrado não só para a população existente na cidade como também para as gerações futuras que antecedem.

3.3 A MEMÓRIA PÚBLICA DE DAMIANA DA CUNHA

O instrumento de atuação principal desta monografia foi o uso de questionários aplicados em períodos distintos, em (2) dias comuns com a seguinte distribuição: (30) realizado no dia 09 de setembro, e (40) questionário na semana seguinte no dia 15 de setembro de 2017, feito com moradores da cidade de Mossâmedes, essa pesquisa de campo foi primordial para satisfazer as lacunas descritas nesse trabalho em relação ao entendimento das pessoas sobre Damiana da Cunha, visando resgatar o conhecimento e coincidências, partes importantes e condizentes do tema proposto.

Deste modo, este subtópico em primeiro momento apresenta quatro gráficos, com informações sobre a pesquisa de campo realizada, observando a verificação e constatação e não conhecimento dos moradores de Mossâmedes, sobre determinado tema, utilizo a pesquisa como fonte secundária, com base nos capítulos anteriores, relacionamos a história oral dando importância a memória coletiva que as pessoas têm sobre Damiana da Cunha. O trabalho a seguir foi realizado na Praça Damiana da Cunha, abordando todos aqueles que passavam no local, os moradores, no entanto,

se mostraram bastante abertos e dispostos a responder os dados que eram perguntados, chegando às vezes completar informações que nem foi pedida no momento, nem todas as pessoas respondia o resultado que gostaríamos, porém estavam curiosos sobre, e aqueles que não tinham conhecimento procurava e queria conhecer.

De acordo com a pesquisa, foram entrevistadas mais pessoas do sexo feminino (47) e de sexo masculino (23), não havia muito movimento na praça naquele determinado período de tempo realizado aproximadamente das sete às onze da manhã, porém foram entrevistados todos que se disponibilizava, participou da pesquisa tanto os jovens com faixa etária de (20 a 55) anos, a maioria com grau de escolaridade de nível fundamental a médio uma estimativa de (52) pessoas, e um número de (13) pessoas que possuía nível superior.

É importante ressaltar que em meio à pesquisa duas pessoas que não era morador da cidade, e estava passando o fim de semana na casa de parentes, observando o que estava acontecendo quis saber o que era, até então desconhecido porém aptos ao conhecimento, foi importante que além dos moradores da própria cidade outras pessoas tiveram também a curiosidade de saber sobre Damiana da Cunha, além de querermos saber os resultados e respostas das pessoas muitos perguntaram qual era a verdadeira história, notou-se que muitas pessoas estavam confusas sem saber o que estava falando sobre. Foi um momento prazeroso uma troca de conhecimento mútuo que rendeu longas conversas. A seguir estão os dados coletados em forma de gráficos, para melhor entendimento sobre o trabalho, relativo à pesquisa de campo.

GRÁFICO 01:



GRÁFICO 02:



GRÁFICO 03:

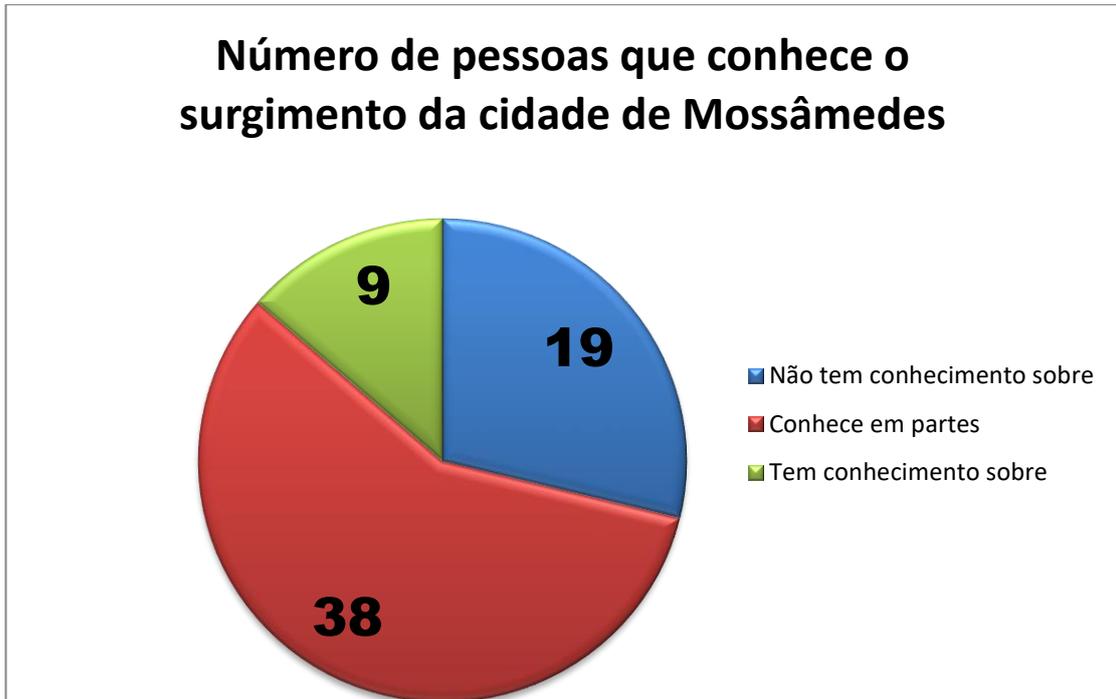
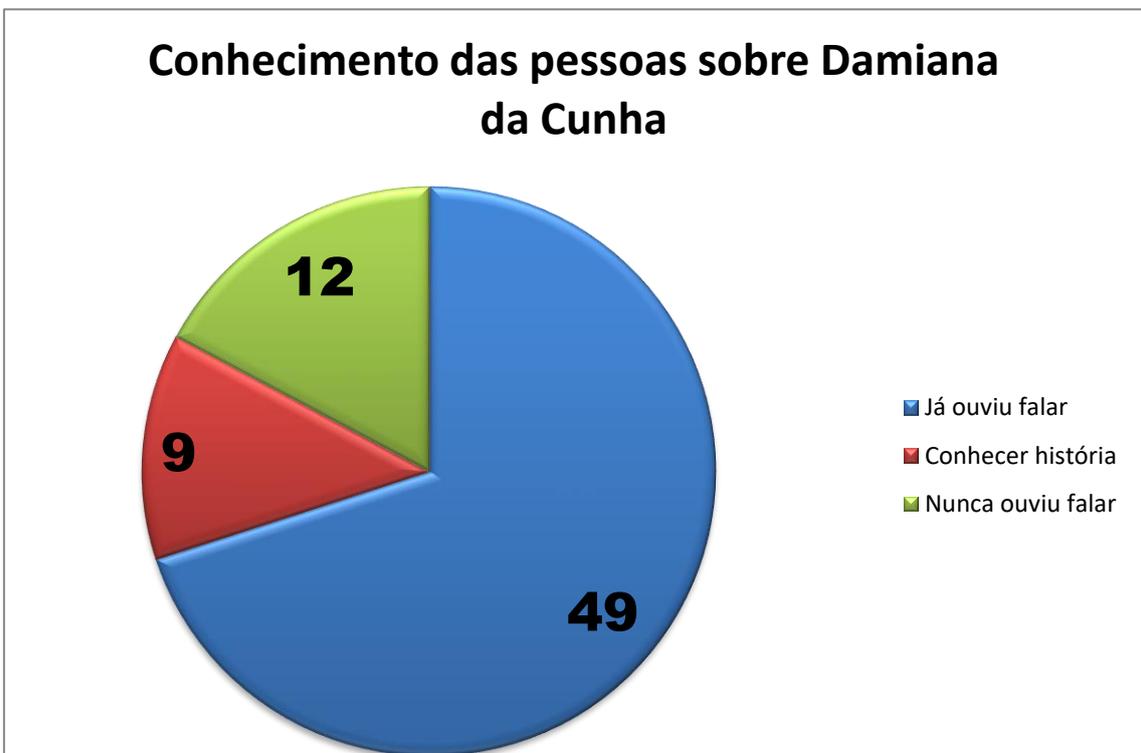


GRÁFICO 04:



Com relação aos dados coletados junto aos moradores da cidade de Mossâmedes verifica-se em primeiro momento que a maioria dos entrevistados cerca

de 57% de alguma forma já ouviram falar sobre a história de Mossâmedes, no primeiro gráfico quando perguntado se sabiam o significado do monumento no meio da praça uma estimativa de (60) pessoas soube responder, relatava que em algum momento já ouviu falar, mas foi visto que existe somente um conhecimento superficial e equivocado, foram poucos que sabia de fato a história, como visto também no gráfico (4) muitos veem Damiana da cunha como algo imaginário, um mito que os próprios moradores criaram, e alguns considera a personagem irrelevante sem necessidade de entender, principalmente os jovens, não tinha interesse de aprofundar na historia, ainda foi muito usado a expressão “ O que passou passou !”, os adultos já tinha ideias contrarias a esses, foi visto também que muitas pessoas de Mossâmedes tem carência de aprender sobre a historia de sua cidade, mais não vê oportunidade, ate os jovens que foram entrevistados alguns disse nunca ter estudado sobre o inicio da cidade, muito menos de Damiana da Cunha.

A Praça Damiana da Cunha é bastante frequentada pelas pessoas nos fins de semana, reunindo muitas pessoas de diversas cidades circunvizinhas em dias festivos, o monumento no meio da praça mostra que existe uma história por traz da discríção de imagens, muitos ao olhar já reflete algo condizente ao passado, foi um ótimo meio de deixar viva memória a Damiana da Cunha. Quando perguntado sobre o sentido do espaço (Praça) para os moradores no gráfico (2) nenhum sequer lembrou-se da personagem, foi atribuída somente como espaço de diversão e distração.

Um número de (09) pessoas que tem conhecimento aprofundado sobre o surgimento da cidade de Mossâmedes (ver gráfico três) relata a necessidade de preservar a cultura deixada pelos povos indígenas, essas pessoas eram geralmente pessoas que tinha um grau de escolaridade elevado. Vimos nos capítulos um a rica história da cidade de Mossâmedes no período colonial, fundada para a escravização de indígenas, no qual foi marcada por grandes conflitos e mortes, no entanto em meio a tantas histórias nem mesmo os moradores da cidade, sendo ela pequena não da o valor merecido aos fatos passado, os lugares de memória que existe na cidade são poucos, talvez esse seja o maior motivo que leva ao esquecimento.

Minha sugestão para o incentivo e o enriquecimento do conhecimento histórico começa nas instituições de ensino para jovens e adolescentes, assim como inserir a história de Mossâmedes e a vida de Damiana da cunha em palestras educacionais, passando o conhecimento dos fatos, juntamente com a propagação de

imagens tornando-a interessante e agradável à compreensão. Esse questionário formulado e inserido com a sociedade desempenhou em mostrar a importância que as pessoas dão aos fatos históricos, em forma mais ampla o município juntamente com as sociedades e autoridade deve andar juntos na tentativa de não se perder as culturas e conhecimento, não deixando que o tempo apague, a história existe é importante o trabalho em pareceriam, isso fará que os visitantes também contemplem a história entendendo o processo de colonização, e todo o processo de construção que deu origem a atual cidade de Mossâmedes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa o objetivo é analisar a vida de Damiana da Cunha, as diversas versões que a historiografia apresenta sobre a história da Índia Caiapó, procurando ressaltar os aspectos da política indigenista de Goiás no qual é dividida em duas formas, catequese e conquista, a conquista se deu pela ambição do território para a extração do ouro, já a catequese foi substituída pelas várias perseguições e crueldade da catequese jesuítica e leiga, com tantas disputas e derramamento de sangue, nota-se que a política mostra principalmente a versão dos colonizadores, raramente a perspectiva indígena foi registrada nos documentos históricos oficiais, existe uma lacuna que impossibilita o saber dos indígenas da época, muitos índios foram extintos do seu habitat natural, e muito pouco foi absorvido pelas pessoas o seu legado cultural e tradições.

Em meio aos esquecimentos e descontinuidades, existem pessoas que ainda salienta em si a vontade de entender o que passou as formas de vida e tradições da época. A biografia de Damiana da Cunha foi bastante lembrada pelas historiografias, abrindo novos horizontes no qual parte em busca de uma história voltada para aqueles excluídos do poder político, como aqueles que conseguiram se destacar, foi observada a concepção popular através dos lugares de memória, mostrando a memória coletiva dos indivíduos da cidade de Mossâmedes. Assim como a história nunca é definida totalmente, buscaram-se novos questionamentos conduzindo a análise sobre as ambiguidades dos papéis de Damiana da Cunha, é demonstrado como uma mulher índia se garantiu como uma mulher com poder político influente, apesar de ser

pouco abordada pelos cronistas da época hoje esta em meio a tantas mulheres de significância da conquista política de Goiás e Mossâmedes.

Salientamos que essa pesquisa também se desenvolveu através da aplicação de questionários com os moradores da própria cidade de Mossâmedes, com a finalidade de entender o que as pessoas pensam sobre a cidade e seu processo de desenvolvimento, direcionando o olhar a Damiana da Cunha. Nos questionários aplicados percebe-se que as pessoas tem dificuldade de definir a história de forma mais complexa relatando que já ouviram falar, no entanto são respostas incoerentes e incompleta, não obtendo o resultado satisfatório em que gostaríamos de chegar nessa pesquisa sobre o conhecimento dos moradores da cidade, podemos constatar que a memória de Damiana da cunha esta somente nos lugares que a tem como nome, estando fixada somente em monumentos as pessoas, no entanto, pouquíssimas sabem.

O ensino de História passou e vem passando por diversas mudanças ao longo dos anos, no qual é substituída pela modernidade do presente, a necessidade de continuar renovando porem não deixar que os fatos históricos sejam apagados, a necessidade de superar as práticas tradicionais mostrando propostas significativas e objetos definidos, levantando questões relacionadas com o cotidiano das pessoas, fazendo com que desenvolva a criatividade adquirindo noções de permanência e mudanças que possa desenvolver o raciocínio.

A História deve ser estudada e ao mesmo tempo refletida, induzindo o individuo a produzir conhecimento, não reproduzindo somente como um saber pronto e acabado. Essa pesquisa analisa a vida dos indígenas sob imposição dos colonizadores, e nesse período surge Damiana da Cunha lembramos a sua importância e contribuição para a formação da cidade de Mossâmedes.

Esperamos que essa pesquisa contribua de forma significativa para o fortalecimento da memória de Damiana da Cunha, o processo de escolha do tema estudado se deu pela admiração sobre a personagem, assim necessita de pessoas que ainda lembrem e reconheça os múltiplos papeis realizados por ela.

FONTES

ARQUIVOS – DOCUMENTOS MANUSCRITOS E IMPRESSOS. Arquivo Geral da Diocese de Goiás. Documentos Diversos. Cidade de Goiás.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Anais da Província de Goiás**, editora gráfica Ipiranga Ltda. Brasília, 1863.

ATAIDES, Jesus Marco de. Damiana da Cunha: **Quem é esta mulher?** Revista UCG-Goiânia 21, jun. 1994.

BRITTO, Célia Coutinho Seixo de. **A mulher, e a história de Goiás.** Goiânia: UNIGRAF, 1982 (1974).

CARVALHO, Maria Meire de. **Damiana da Cunha: Uma capitã mor nos sertões de Goyazes nos séculos XVIII e XIX.** Fragmentos de cultura, Goiânia, V. 14, n. 6, jun. 2004.

COUTO, Luiz, Oeste: **Heróina Goiana**, V. 17, 1944.

CUNHA, Lincoln Ferreira. **Retrospectiva Histórico – Social de Mossâmedes.** Goiânia, 2004.

DIAS, Thiago Cancelier. **Contatos e desacatos:** os línguas na fronteira entre sociedade colonizadora e indígenas (1740 a 1889) - Goiás, p. 205-226, 2013.

GARCIA, Elisa Fruhauf. **O projeto pombalino de imposição da Língua Portuguesa aos índios e a sua aplicação na América Meridional.** P. 23-38.

GOMES, Luíz Palacin, GARCIA, Leonidas Franco, AMADO, **Janaina História de Goiás em documentos I.** Colônia. UFG, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.

HONÓRIO, Maria Aparecida. **Do discurso sobre o tupi para o discurso dos tupi:** produção de conhecimento e imaginário. In: Línguas e Instrumentos Lingüísticos nº 9/10, Campinas, Pontes: 2002. Projeto História das Idéias Lingüísticas no Brasil.

JULIO, Suelen Siqueira *apud* MIRANDA, José Américo. **Damiana da Cunha:** uma índia a “sombra da cruz” e os caiapós do sertão (*Goiás, c 1780 – 1831*). Niterói, 2015.

KARASCH, Mary. **Damiana da Cunha: Catequista e sertaneja (Goiás, Séculos XVIII y XIX).** In: SWEET, David G; NASH, Gary B. (orgs). Luta pela sobrevivência na America colonial. México,1987 (1981).

KARASCH, Mary. **História dos índios no Brasil/** organização Manuela carneiro da Cunha – São Paulo: Companhia de letras: 1992.

KARASCH, Mary. **Índios ladinos interpretes e intermediário na Capitania de Goiás,** 1775/1835 – in: Revista da SBPH, n. 19, Curitiba 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução de Bernardo Leitão. 5° Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. **Biografia histórica da Província de Goiás.** Revista do instituto histórico Geographico e Ethnographico do Brasil. 37 (1874).

MELO, Anderson Batista de. **A Política Indigenista Pombalina na Capitania de Goiyas.O Tempo de Rendição** (1772 – 1783) Brasília, 2008.

MORAES, Santo de Brito. **Redescobrimdo a história de Goiás.** 2° edição. Goiânia: Kelps, 2012.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. 1993.

ORLANDI, Eni P. **Terra à Vista! Discurso do confronto:** velho e novo mundo. São Paulo, Cortez; Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

PALACIN, Luis. **Sociedade colonial.** Goiânia: Editora UFG, 1981.

SAINT – HILAIRE, Auguste de. **Viagem as nascentes do rio São Francisco e pela Província de Goyas**. Trad. Clado Ribeiro de Lessa. 2 Vols. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937 (1847).

SILVA, Marcelo Gonçalves Oliveira e. **Os índios e a colonização de Goiás**. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. 2014.

SOUZA E SILVA, Joaquim Noberto. **Biografia: Damiana da Cunha**. Revista do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil. 24 (1861).

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo na terra de santa Cruz**. São Paulo: Companhia de Letras. 1996 (O novo mundo entre Deus e o diabo).

ANEXO I

DIOCESE DE GOIAS
PARÓQUIA DE MOSSAMEDES - GOIAS - GO.
Certidão de Casamento

Certifico que no Livro de Casamento N. 1 Fls. 39 N. 2

existe o seguinte assentimento:

aos vinte e oito de julho de mil oitocentos e vinte e dois
na Igreja S. José de Mossamedes em presença do Rdo. Francisco José de Almeida
e das testemunhas Bento José Alves e Peline
Meri da Silva

se recuberam em matrimônio Manoel Pereira da Cruz e Damiana da Cunha

Ele, filho de Ele, filho

de de

X X X X X X X X X X X X X X X X

nascido na Paróquia de Diocese de

X X X X X X X X X X X X X X X X

Estado de aos de

all. residente em

X X X X X X X X X X X X X X X X

; Ela, filha de

X X X X X X X X X X X X X X X X

nascida na Paróquia de

X X X X X X X X X X X X X X X X

Diocese de Estado de

X X X X X X X X X X X X X X X X

de mil

X X X X X X X X X X X X X X X X

residente em receberam as bênçãos nupciais e para

constar levrei o presente termo que assino.

Pc. Francisco José de Almeida

Vigário

DIOCESE DE GOIAS

ARQUIVO GERAL

Goias, 25 de fevereiro de 1926

J. J. Pereira - Secretária
Assinatura

ALDEAMENTOS DA CAPITANIA DE GOYAZ NO SÉCULO XVIII

Aldeamento	Índios	Local	Data	Tipo de Direção	Duração	Lutas - Transferências	Índios aldeados inicialmente	Capitão General
São Francisco Xavier do Duro (Duro)	Xacriabá	Próximo do Ribeirão de Formiga	1751	Director Jesuíta	5 anos	1757 - Fuga local 1760 - Retornam ao local 1775 - Transferidos para o Rio das Velhas (actual Triângulo Mineiro)	600	D. Marcos de Noronha
	Akroá	Idem	1753	Idem	Pouco tempo	Fuga para o mato em consequência de um sarampo	600	Idem
São José do Duro (Formiga)	Akroá	Das águas do Aldeamento de São Francisco Xavier do Duro 200 léguas de Vila Boa	1755	Director Jesuíta	2 anos	1757 - Fuga do local - transferidos para São José de Moatimedes	250	D. Marcos de Noronha
São José de Moatimedes	Akroá Xavante Karajá Kaiapó etc.	Oito léguas distante de Vila Boa, actual cidade de Moatimedes	1755 Iniciação do	Director, conforme normas do Directório (civil) a partir de 1775	Até o século XIX	1828 - Estado de semi-decadência (somente 129 pessoas)	8.000	José de Almeida Vasconcelos de Soveral e Carvalho o reconstruiu em 1775
Nova Beira	Karajá e Javah	Local denominado Nova Beira, na Ilha do Bananal, junto ao Presídio de São Pedro do Sul	1775 Iniciação do	Idem	5 anos	Transferidos em 1780 para São José de Moatimedes	800	José de Almeida Vasconcelos de Soveral e Carvalho
Maria I	Kaiapó	Margens do Rio Fartura - dista 11 léguas do sudoeste de Vila Boa	1780	Idem	33 anos	1813 - Transferidos para São José de Moatimedes	412	Luiz da Cunha Menezes
Carreirão de Pedro III	Xavante	Margens Rio Carreirão - nas proximidades do arraial de Cribás	1788	Idem	1819 - Estado de semi-decadência (somente 227 pessoas)	—	2.200	Tristão da Cunha Menezes

FONTE - CARVALHO 2001

CAIXA**Contrato de Repasse**Grau de sigilo
#PÚBLICOCONTRATO DE REPASSE Nº 789837 / 2013 / MINISTERIO DAS CIDADES / CAIXA
PROCESSO Nº 2635.1008338-09 / 2013

CONTRATO DE REPASSE QUE ENTRE SI CELEBRAM A UNIÃO FEDERAL, POR INTERMÉDIO DO MINISTERIO DAS CIDADES, REPRESENTADO(A) PELA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, E O(A) MUNICÍPIO DE MOSSAMEDES - GO, OBJETIVANDO A EXECUÇÃO DE AÇÕES RELATIVAS AO MCID/PLANEJ URBANO - OBRAS INTEGR REABILIT URBANA.

Por este Instrumento Particular, as partes abaixo nominadas e qualificadas, têm, entre si, justo e acordado o Contrato de Repasse de recursos orçamentários da União, em conformidade com os Anexos a este Contrato de Repasse e com a seguinte regulamentação, Decreto 93.872, de 23 de dezembro de 1986, e suas alterações, Decreto nº 6.170, de 25 de julho de 2007, e suas alterações, Portaria Interministerial MPOG/IMF/CGU nº 507, de 24 de novembro de 2011, Lei de Diretrizes Orçamentárias vigente, Diretrizes Operacionais do Concedente para o exercício, Contrato de Prestação de Serviços (CPS) firmado entre o Concedente e a Caixa Econômica Federal e demais normas que regulamentam a espécie, as quais os contratantes se sujeitam, desde já, na forma ajustada a seguir:

SIGNATÁRIOS

I - CONTRATANTE - A União Federal, por intermédio do Concedente MINISTERIO DAS CIDADES, representada pela Caixa Econômica Federal, instituição financeira sob a forma de empresa pública, dotada de personalidade jurídica de direito privado, criada pelo Decreto-Lei nº 759, de 12 de agosto de 1969 e constituída pelo Decreto nº 66.303, de 6 de março de 1970, regida pelo Estatuto aprovado pelo Decreto nº 7.973, de 28 de março de 2013, e suas alterações, com sede no Setor Bancário Sul, Quadra 04, Lote 3/4, Brasília-DF, inscrita no CNPJ-MF sob o nº 00.360.305/0001-04, na qualidade de Agente Operador, nos termos dos instrumentos supracitados, neste ato representada por VALDIR BORGES DE OLIVEIRA, RG nº 1571184 SSP-GO, CPF nº 413.456.491-34, residente e domiciliado(a) em Goiás-GO, conforme procuração lavrada em notas do 2º Tabelião de Notas e Protesto - DF, no livro 2886, fls 024/025, em 04/07/2011 e substabelecimento lavrado em notas do 4º Registro Civil e Tabelionato de Notas, no livro 00060S, fls 128/130, em 10/01/2013, doravante denominada simplesmente CONTRATANTE.

II - CONTRATADO - MUNICÍPIO DE MOSSAMEDES - GO, inscrito no CNPJ-MF sob o nº 02.267.698/0001-31, neste ato representado pelo respectivo (cargo), Sr(a) DIVINA LUCIA DE ALMEIDA, portador(a) do RG nº 1060037 SSP/GO e CPF nº 247.018.231-04, residente e domiciliado(a) à AV. JOAO FERREIRA DA CUNHA -631 -CENTRO, MOSSAMEDES-GO, doravante denominado(a) simplesmente CONTRATADO.

OBJETO DO CONTRATO DE REPASSE

AMPLIÇÃO E REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA PÚBLICA DAMIANA DA CUNHA, SITUADA NA AV. AUGUSTO FERREIRA RIOS

MUNICÍPIO(S) BENEFICIÁRIO(S)

MOSSAMEDES - GO.

CONDIÇÃO SUSPENSIVA

Documentação: TITULARIDADE DE ÁREA E PROJETO DE ENGENHARIA
Prazo para entrega da documentação pelo CONTRATADO: 8 (OITO) meses.
Prazo para análise pela CAIXA após apresentação da documentação: 01 mês.

CONTRATAÇÃO SOB LIMINAR Não SIM

Apenas no caso de contratação sob liminar, aplica-se a Cláusula Décima Sétima do Anexo ao Contrato de Repasse - Condições Gerais.

DESCRIÇÃO FINANCEIRA E ORÇAMENTÁRIA

Recursos do Repasse da União R\$ 245.850,00 (duzentos e quarenta e cinco mil, oitocentos e cinquenta reais).
Recursos da Contrapartida aportada pelo CONTRATADO R\$ 5.150,00 (cinco mil, cento e cinquenta reais).
Recursos do Investimento (Repasse + Contrapartida) R\$ 251.000,00 (duzentos e cinquenta e um mil e reais).
Nota de Empenho nº 2013NE801718, emitida em 06/11/2013, no valor de R\$ 245.850,00 (duzentos e quarenta e cinco mil, oitocentos e cinquenta reais), Unidade Gestora 175004, Gestão 0001.
Programa de Trabalho: 1545120541D73 0052.
Natureza da Despesa: 444042.
Conta Corrente Vinculada do CONTRATADO: 1238.006.00647124-9.

PRAZOS

Data da Assinatura do Contrato de Repasse e Anexos: 10/12/2013.

Término da Vigência Contratual: 30/10/2016.
 Prestação de Contas: 60 (sessenta) dias após o término da vigência contratual ou conclusão da execução do objeto, o que ocorrer primeiro.
 Arquivamento: 20 anos contados da aprovação da prestação de contas pela CONTRATANTE ou da instauração da tomada de contas especial, se for o caso.

FORO
 Justiça Federal, Seção Judiciária do Estado de GOIAS.

ENDEREÇOS
 Endereço para entrega de correspondências ao CONTRATADO: AV. JOAO FERREIRA DA CUNHA -631 -CENTRO, MOSSAMEDES-GO.
 Endereço para entrega de correspondências a CONTRATANTE: R. BARAO DE COTEGIPE, 266 ED CAIED TOWER, 4º ANDAR ANAPOLIS - GO.

Assinatura Contratante
 Nome: VALDIR BORGES DE OLIVEIRA
 CPF: 413.458.491-34

Assinatura Contratado
 Nome: DIVINA LUCIA DE ALMEIDA
 CPF: 247.018.231-04

Testemunhas

Nome: Valdir Borges de Oliveira
 CPF: 38783878144

Nome: Divina Lucia de Almeida
 CPF: 042.860.121-90

CONTRATO EM CONFORMIDADE

Data: 10.01.14

Assinatura: [Assinatura]

NEUSA MARIA DE ARAÚJO BRITO
 Coordenadora de Filial
 GIDUR/Anápolis
 Mat. 087.809-2

Lincoln Ferreira da Cunha

A História faz justiça à memória de Damiana da Cunha, não se esquecendo de seu nome.

Damiana da Cunha
(*1779- +1831)



Retrato-falado e imaginário feito por Gomes de Souza
Damiana da Cunha - Recebe do historiador Noberto de Souza a seguinte referência: "Os caiapós a reconheciam por sua soberana, os homens civilizados chamavam-lhe de a neta do Cacique; mas, a história a designa como mulher missionária em homenagem a sua apoteose"

**Pesquisa para monografia do curso de história da Universidade Estadual
de Goiás- campus Cora Coralina**

Pesquisadora Karla Ferreira Adorno

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: () 18 aos 25 () 26 aos 40

() 41 aos 59 () 60 ou mais...

Escolaridade:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () pós-graduação

QUESTÕES

Você sabe o significado desse monumento no meio da praça?

() Sim () Não

E qual o sentido deste espaço para você?

R:

Você sabe a como surgiu a cidade de Mossâmedes?

() Sim () Não

R.

Você já ouviu falar de Damiana da Cunha?

() Não () Sim. Oque?

R:
